

ARTISTA DE RUA: A arte de ser

© Ortiz, Elaine, 2013
Todos os direitos reservados

Orientador: José Arbex Júnior
Projeto Gráfico e Editoração: Elaine Ortiz
Revisão: Fabíola Perez Corrêa
Fotos: Elaine Ortiz
Impressão: Brasil

Proibida a reprodução total ou parcial.
Os infratores serão processados na forma da lei.
Direitos exclusivos à Pontifícia Universidade Católica de São
Paulo

Rua da Consolação, 881 – Consolação
CEP: 01301-000 São Paulo– SP
Telefone: (11) 3124-9600

“Há pessoas que transformam o sol numa simples mancha amarela, mas há aquelas que fazem de uma simples mancha amarela o próprio sol”.

- Pablo Picasso -

SUMÁRIO

PREFÁCIO RUA.....	7
----------------------------	----------

PARTE 1 | A ARTE DE RUA

1.1.A tradição da arte popular de rua: retomada histórica.....	13
1.2.Origens da arte de rua brasileira.....	16
1.3.Arte de rua contemporânea no mundo.....	19

PARTE 2 | OS ARTISTAS DE RUA EM SÃO PAULO: CINCO HISTÓRIAS DE VIDA

2.1.Diego Araújo Godoi, a estátua viva da rua São Bento com a avenida São João.....	26
2.2.Olívio Basaglia Júnior, o poeta da avenida Paulista.....	52
2.3.Santiago Alfonso Olivares Conetejos, o malabarista da rua Estados Unidos com a avenida 9 de Julho.....	68
2.4.Valquer Pereira de Arruda, o cantor de música gospel do viaduto Santa Ifigênia.....	84
2.5.José Rodrigo da Silva e Ezequiel Pedro da Silva, os repentistas da praça da Sé.....	98

PARTE 3 | FUTURO E DESAFIOS DA ARTE POPULAR DE RUA NO BRASIL

3.1.Regularização, leis e projetos.....	119
---	-----

PARTE 4 | ARTE DE RUA EM FOCO: ENSAIO

FOTOGRAFICO.....	135
-------------------------	------------

POSFÁCIO SORRISO, EXPERIÊNCIA, SONHO, FÉ E SOBREVIVÊNCIA.....	151
--	------------

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	157
--	------------

PREFÁCIO | Rua

A paixão pela rua. Parece síndrome, doença de escritor, de jornalista, de poeta, de *bon vivant*... A rua: duas retas, ligação do ponto A ao ponto B, um cruzamento aqui, um intrincamento ali. Não, esta não é a rua. Esta rua não é a que vejo.

Há aqueles que dizem que a rua é tão complexa que chega a ter alma. Foi vivendo as do Rio de Janeiro que João do Rio enxergou e descreveu a personalidade de várias delas. George Orwell fez das organizadas avenidas de Paris sua própria casa e dali retirou lições para toda uma vida. Já Gay Talese e Joseph Mitchell dividiram os cruzamentos de Nova York para contar grandes histórias. O primeiro caminhou para cima e para baixo transformando o trivial em obra prima. O segundo destrinchou o Greenwich Village atrás do mendigo autor da *História Oral do Nosso Tempo*. É na rua que a vida acontece.

Mas sair para rua atrás de boas histórias nunca é tarefa fácil. A rua é fantástica e assustadora, ainda que assustadoramente fantástica. Andar pelas ruas de São Paulo no século XXI requer

não apenas um espírito curioso, como também certa dose de coragem. Coragem para caminhar livremente, para observar sem pressa enquanto a cidade se movimenta acelerada, coragem para fazer tudo isso sem medo das intempéries, dos assaltos e dos atropelamentos. Requer também disposição para o ônibus lotado ou para o metrô quebrado. Requer paixão. E se a paixão já está ali, na alma de *flanador*¹ do repórter-escritor, qualquer receio se torna instantaneamente menor. Aí, é só se vestir de cidade e, com ela, apreciar o espetáculo urbano que acontece diariamente por nossas ruas.

Muitos prédios e poucas árvores, muitos carros e muitos pedestres, muito trânsito e muito estresse, muita pressa e pouca paciência, muita sisudez e pouco sorriso. Buzina, empurrão, motoboy, acidente, sono, chuva, sol, fumaça, poluição. Estes são alguns dos elementos que compõem o dia do cidadão paulistano.

¹ Em “A Alma Encatadora das Ruas”(1908, P. 3), João do Rio define a palavra flunar: “Flunar! Aí está um verbo universal sem entrada nos dicionários, que não pertence a nenhuma língua! Que significa flunar? Flunar é ser vagabundo e refletir, é ser basbaque e comentar, ter o vírus da observação ligado ao da vadiagem. Flunar é ir por aí, de manhã, de dia, à noite, meter-se nas rodas da população, admirar o menino da gaitinha ali à esquina(...); é estar sem fazer nada e achar absolutamente necessário ir até um sítio lóbrego, para deixar de lá ir, levado pela primeira impressão, por um dito que faz sorrir, um perfil que interessa, um par jovem cujo riso de amor causa inveja. É vagabundagem? Talvez. Flunar é a distinção de perambular com inteligência”.

Com seus quase 12 milhões de habitantes, São Paulo é a cidade mais populosa do Brasil, sendo também considerada a mais influente do País no cenário global. Em 2010, foi classificada como a 14ª cidade mais globalizada do mundo e recebeu o título de Cidade Global Alfa por parte do *Globalization and World Cities Study Group & Network* (GaWC).

Diante de tamanha grandiosidade somos formiguinhas anônimas, que correm apressadas pelas ruas da cidade de casa ao trabalho, do trabalho para casa, com sorte, apenas cinco vezes por semana. Muitos dos que vivem essa realidade desfrutam da segurança de um emprego com carteira assinada e benefícios garantidos pelo Ministério do Trabalho. Alguns retiram do trabalho informal seu modo de sobrevivência. Outros são desempregados em busca de uma recolocação no mercado. E há ainda, no meio de tudo isso, um grupo de pessoas que decidiu fazer das ruas seu palco, são os artistas de rua. Pelo dinheiro que ganham com sua arte ou pela arte por ela mesma, ali estão eles, resgatando as formas clássicas de apresentação, como os trovadores, que saíam nas ruas cantando suas cantigas, ou ainda, como os saltimbancos, que apresentavam suas habilidades no espaço público.

Além de resgatar a origem da arte de rua no Brasil e no mundo, de discutir a questão da arte popular enquanto trabalho e de apresentar os rumos da prática no futuro, o livro-reportagem “Artista de rua: a arte de ser” apresenta a história de cinco artistas de rua. Vidas que se cruzam sem nunca terem se encontrado, pessoas que caminham pelas ruas de São Paulo exercitando sua arte. Para alguns, o sorriso espontâneo do passante distraído já vale a apresentação, para outros, a contribuição coletada quando a música chega ao fim é a única fonte de renda. Com objetivos diferentes, o laço que une essas vidas é a rua – o espaço tomado para ser o local de conquista e de realização.

Descrever como em uma cidade agitada e apressada é possível que um artista com seu pouco material desenvolva uma atividade que desperta a atenção e promova o momento mágico do encontro único é uma experiência de reportagem rica e interessante. Uma espécie de mergulho na prática medieval e artesanal que coexiste com as buzinas e com as fumaças da cidade de São Paulo.

PARTE 1 | A arte de rua

1.1.A tradição da arte popular de rua: retomada histórica

Não há muitos registros oficiais na história que definem exatamente como a arte de rua, tal qual como conhecemos nos dias de hoje, teve origem. Gomes (1998, p.5), citando Campbell afirma que “a história dos apresentadores das ruas está relacionada com a história da civilização urbana, pois, logo que criavam, nas cidades, ruas e espaços públicos de reunião, os artistas passavam a frequentá-los”.

Até o surgimento da escrita, as civilizações primitivas encontravam apenas na oralidade sua forma de comunicação. Dessa maneira, toda a produção cultural desenvolvida naquelas sociedades era fixada, para as próximas gerações, com base na memória e na tradição, em uma interação face a face. Thompson (1995, p.120), define que este tipo de interação acontece em um contexto de copresença no qual:

os participantes estão imediatamente presentes e partilham um mesmo sistema referencial de espaço e de tempo. Por isso eles podem usar expressões denotativas (“aqui”, “agora”, “este”, “aquele”, etc.) e presumir que são entendidos. As interações face a face tem também um caráter

dialogico, no sentido de que geralmente implicam ida e volta no fluxo de informação e comunicação; os receptores podem responder (pelo menos em princípio) aos produtores, e estes são também receptores de mensagens que lhe são endereçadas pelos receptores de seus comentários. Uma outra característica da interação face a face é que os participantes normalmente empregam uma multiplicidade de deixas simbólicas para transmitir mensagens e interpretar as que cada um recebe do outro. As palavras podem vir acompanhadas de piscadelas e gestos, franzimentos de sobrancelhas e sorrisos, mudanças na entonação e assim por diante.

A poesia grega arcaica, produzida entre os séculos VIII e V antes de Cristo, é um dos exemplos de composições feitas para não se perderem na história. A métrica, as rimas, as formas e as melodias eram os meios utilizados para fixar aquela ideia aos ouvintes a partir de performances realizadas em praças públicas, isto é, em interações restritas a determinado espaço e tempo. Rocha (2010, p.673) explica:

Hoje em dia nós lemos esse conjunto de textos que chamamos de poesia grega arcaica. Porém, esse tipo de produção poética, originalmente, não foi composto para ser apreciado dessa maneira. Aquilo que hoje conhecemos através dos livros e da cultura escrita, letrada, de modo geral, foi, na verdade, concebido para ser recitado com acompanhamento musical, como é o caso da poesia épica de Homero e da poesia elegíaca; ou para ser recitado sem acompanhamento musical, como pode ter acontecido com a chamada poesia jâmbica de Semônides de Amorgos e de Hipônax de Éfeso; ou para ser cantada e dançada ao som de um instrumento de corda como a lira ou cítara somado ou não ao acompanhamento de um instrumento de sopro, principalmente o aulo, como é o caso da poesia lírica coral. (...) Falando da performance da poesia homérica, cabe lembrar que os antigos gregos não chamavam Homero de poeta, pelo menos não antes de Platão e Aristóteles, que produziram suas obras no século IV a. C. Ele era chamado de aedo, ou seja, cantor.

Foi somente na Idade Média, mais precisamente no século XV, que Johannes Gutemberg criou o advento que mudaria a história da comunicação mundial e a forma de interação entre os seres humanos: os tipos móveis. Até a invenção, que possibilitou que os livros fossem difundidos e que a imprensa desempenhasse um papel relevante na sociedade, as trovas ou cantigas medievais continuavam a ser declamadas em palácios e em praças públicas. É válido ressaltar que mesmo com a novidade este tipo de performance não perdeu espaço, pois a tradição do espetáculo de rua já fazia parte da sociedade.

De acordo com Barros (2007, p.85), tem-se notícia de poetas cantores que percorriam o ocidente europeu atuando como músicos, cantores e recitadores desde os primórdios da Idade Média. Estes artistas, não raro, ligavam-se a outras formas de espetáculo derivando novas possibilidades e tipos de designações - menestréis, jograis, trovadores e outros, sendo característica comum a eles a itinerância, aspecto este que aproximava o trovador a figura do “cavaleiro andante, do clérigo errante, do peregrino, do mercador e navegante”.

Skops anglo-saxônicos desde o século IV, escaldos islandeses e noruegueses a partir do século X, trovadores cortesãos do século XII em diante, goliardos desde o século IX, jograis por toda a Idade Média - nem sempre é fácil identificar as nuances entre esses vários tipos. A designação jogral, por exemplo, é das mais vagas, já que por vezes se refere não só ao músico poeta, mas também ao artista saltimbanco, ao histrião, ao malabarista e a tantos outros profissionais do espetáculo. Em face dessa diversidade, deve-se levar em conta que o movimento trovadoresco, como designação, pode ser entendido tanto em uma acepção mais ampla como em uma mais restrita. Em sua acepção mais ampla, ele indica aquele grande circuito de produção e circulação poética e musical que atingia diversas esferas, desde a palaciana e cortesã até a popular, desde o ambiente rural até o urbano, desde as festas até as cruzadas, e que, por fim, enquadra-se em uma duração que se confunde com o próprio período medieval. Na acepção mais restrita, o movimento trovadoresco remete ao meio das cortes régias e senhoriais a partir do século XI, quando a cultura aristocrática assimilou a produção poético-musical como uma de suas atividades distintivas. Assim, essa acepção mais restrita representa uma espécie de recorte, no espaço social e no tempo, dentro da produção trovadoresca mais ampla.

Na história da humanidade, inúmeros são os exemplos da arte exercida no espaço público. Apresentar-se, difundir uma ideia, um pensamento, por meio de textos declamados ou cantados utilizando-se da capacidade expressiva que só o corpo humano tem é uma prática que perdurou diante das transformações das sociedades de todas as épocas.

1.2.Origens da arte de rua brasileira

Em seu livro “Os sons que vêm da rua”, José Ramos Tinhorão conta que o hábito de cantar a noite no passeio público nasceu ainda na Idade Média, quando os amantes pretendiam fazer

declarações apaixonadas às mulheres que viviam enclausuradas devido aos costumes da sociedade. Com o nome de *serenada*, dado pelos espanhóis, e de *serenata*, chamado pelos portugueses, o primeiro registro desse tipo de cantoria solitária ou em grupo em terras brasileiras data de 1717. O evento teria ocorrido na Bahia, realizado pelo viajante francês M. Le Gentil de Las Barbinais.

Ainda segundo Tinhorão (2005, p.14), depois disso, as serenatas devem ter ocorrido frequentemente no Brasil durante o decorrer do século XVIII até o início do Segundo Reinado, já no século XIX, quando o surgimento de uma classe média diferenciada no País fez aparecer os primeiros cantores de modinhas realmente populares, concretizando uma distinção entre ‘cantores de salão’ e ‘trovadores de rua’ – o que talvez seja a explicação para a marginalização sofrida pelos artistas brasileiros de rua até os dias de hoje.

Na verdade, tão logo o florescimento econômico da Colônia, após a descoberta do ouro, propiciou uma certa animação da vida social no círculo restrito das grandes famílias, os cantores mais ligados à elite abandonaram as ruas e transformaram-se em cantores de salão. Assim, caberia aos elementos que não atingiam esse nível necessariamente restrito da alta vida social o papel de continuadores da velha tradição dos trovadores de rua. Por tal forma, não é de estranhar que os mais antigos depoimentos sobre as

figuras de cantores do *sereno* descrevam sempre esses artistas anônimos como sestrosos mulatos de cabelo repartido ao meio, sempre muito empenhados em igualar-se aos seus êmulos de salão, ao menos através do requintamento do vocabulário, de um certo pernesticismo pessoal, na realidade denunciador de um inocente propósito de distinção social.

Neste momento histórico, no qual houve a retirada dos cantores da rua para os salões, quem se apresentava no espaço público ficou conhecido como serenateiro, serenatista, sereneiro ou seresteiro. Cantando modinhas e possuindo um espírito puramente romântico, estes artistas eram responsáveis pela difusão das canções compostas no período, dando “voz a alma musical do povo, numa época em que – pela inexistência dos meios de reprodução, só possíveis com o advento do disco – a profissão do cantor ainda não existia e, portanto, a divulgação das canções dependia, como em tempos medievais, da iniciativa e do talento de humildes e anônimos menestrelis” (Tinhorão, 2005, p.14).

A prática de cantar na rua foi se difundindo em todo o País. Em Salvador, antiga capital brasileira, padres seculares colaboravam para a manutenção da tradição da modinha popular existente desde o século XVIII. Em uma sociedade bastante estratificada, os trovadores baianos do século seguinte também acabaram se

dividindo em dois grupos: cancioneiros, que se apresentavam em salões e que tinham palmas como agradecimento, e seresteiros que, apresentando-se nas ruas, tinham a repressão da polícia como integrante do cotidiano. Mesmo assim, estes cantores não desistiam, saíam nas madrugadas de sábado e se encontravam em um botequim onde comiam caldo de mocotó e realizavam suas apresentações. O hábito perdurou até o fim da segunda década do século XX, quando “a velha modinha sentimental” foi “substituída pelos novos gêneros populares à base de ritmo batucado, tipo samba”. (Tinhorão, 2005, p.21).

Na verdade, quando, a partir do fim da Primeira Guerra Mundial, a concentração urbana se acelerou, e as ruas das principais cidades brasileiras perderam a quietude decantada pelos poetas autores das modinhas, o cantor de serenatas – agora sofrendo a concorrência dos cantores de rádio, cuja voz chegava para embalar o sonho de suas musas dentro de casa com muito mais eficiência – perdeu sua função artístico-social, e desapareceu. (Tinhorão, p.28).

1.3.Arte de rua contemporânea no mundo

Fora do Brasil, a arte de rua parece nunca ter perdido sua força. Itália, França, Espanha, Inglaterra, Holanda, Austrália, Estados Unidos e Colômbia são alguns dos países que incentivam a arte de rua com a realização de grandes festivais anuais e, também, com o incremento de políticas públicas que visam a inclusão do

artista de rua na cidade devido o potencial artístico, cultural e turístico que a modalidade possui.

Mesmo apoiando o trabalho dos artistas de rua, desde 2011 a prefeitura de Barcelona, na Espanha, decidiu limitar o número de estátuas vivas que se apresentam em Ciutat Vella. Por meio de um processo seletivo, foram escolhidos os artistas que tem o direito de se apresentar na região. Em reportagem da BBC de outubro de 2010², a conselheira municipal Assumpta Escarp declarou que somente poderão atuar 15 estátuas humanas pela manhã e 15 pela tarde, para evitar a ocupação desmedida que existia no local onde, normalmente, concentravam-se uma média de 25 estátuas. “Além da seleção dos artistas, a prefeitura de Barcelona também proibiu que as estátuas humanas usassem animais, armas, máscaras, música e itens de mobiliário público, como bancos, pontos de ônibus e postes de iluminação”. Ainda segundo a reportagem, em Londres e em cidades na Holanda e na França, a regulamentação é semelhante a de Barcelona e as

² ROBLEDO, Juanjo. Barcelona limita número de 'estátuas humanas' em área turística http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2010/10/101015_barcelona_estatuas_rp.shtml

estátuas humanas são permitidas somente no verão ou durante festividades.

Em Nova York, nos Estados Unidos, ocorre um sistema de cadastramento dos artistas de rua desde 1987. Após serem aprovados por uma seleção, os artistas obtêm o direito de se apresentar durante determinado horário em uma das 468 estações da cidade³. Em 2009, a prefeitura relançou o projeto com o nome *Music Under New York (Música sob Nova York)*, da secretaria de Transportes da cidade. O processo de seleção ocorreu na estação Grand Central Terminal e reuniu mais de cinquenta artistas e grupos.⁴

Há oito anos, na cidade de Arnhem, na Holanda, o último fim de semana de setembro é reservado para a realização do *World Statues Festival*, campeonato de estátuas vivas que reúne representantes de todo o mundo. O evento já é referência para a categoria.

³ STRIEFF, Daniel e SWEENWY, Jon. Striving to make music under the streets of NYC. Disponível em <http://www.today.com/id/5682773/site/todayshow/ns/today-entertainment/t/striving-make-music-under-nyc-streets/#.UP8E2R3C1fQ>

⁴FONTE:http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2009/05/090506_novayork_metro_dg.shtml

A cidade Pennabilli, na Itália, é palco do “*Artisti in Piazza – Festival Internazionale dell’arte in strada*” desde 1997. Mais de 200 artistas se reúnem e realizam cerca de 400 apresentações para milhares de espectadores vindos de toda a Europa. De acordo com a organização do evento, trata-se de uma “vitrine para artistas de rua”. Teatro, música de todos os tipos, malabarismo, mágica, circo, dança, pintura de rosto e outras modalidades são apresentadas em vinte pontos remotos da cidade⁵.

A Austrália reúne festivais de arte em diversas cidades o ano inteiro. Durante três semanas de janeiro, o público do *Sydney Festival* tem a possibilidade de assistir a centenas de artistas australianos e internacionais se apresentando nos locais mais famosos da cidade, como o *Sydney Theatre*, o *Carriage Works*, o *City Recital Hall* e o *Sydney Opera House*, além de apresentações de jazz e concertos sinfônicos ao ar livre. Desde 1960, o *Adelaide Festival* – um dos maiores eventos de arte do mundo – mostra exposições de arte, cantores e sinfonias, apresentações de dança e projeções de filmes além de

⁵ FONTE: <http://www.artistiinpiazza.com/2013/>

performances de malabaristas, mágicos, acrobatas, equilibristas e comediantes nas ruas durante o mês de fevereiro. Já em outubro, o *Melbourne International Arts Festival* abre a temporada de estreias australianas e mundiais de peças teatrais, música, ópera, artes visuais e multimídia durante dezessete dias⁶.

Na Colômbia, o *Festival Iberoamericano de Teatro de Bogotá* é, desde seu surgimento, em 1988, o evento cultural mais significativo do País e um dos festivais de teatro mais importantes do mundo. Seja pela tradição ou pelo entendimento da cultura como fator importante para a sociedade, a arte de rua é incentivada, organizada e respeitada em muitos lugares do mundo.

⁶ FONTE: <http://www.australia.com/pt-br/explore/events/city-festivals.aspx>

PARTE 2 | Os artistas de rua em São Paulo: cinco histórias de vida



2.1. DIEGO ARAÚJO GODOI, **a estátua viva da rua São Bento com a avenida São João**

“Fico numa posição até o máximo que eu consigo, mas se está ruim, mudo, se está coçando, tento pensar em outra coisa, se está coçando muito e preciso coçar, então coço, se estragou a maquiagem pego o espelho, refaço, não tem problema. Mas tem cara por aí que não quer sair do personagem tudo por causa da merda do dinheiro. Não é bem por aí que vejo. Você tem que respeitar seus limites, senão o corpo começa a tremer, você começa a ficar estranho, tenso, então quanto mais você relaxar, melhor. É muito gostoso poder fazer o que se gosta, mexer com arte não é um trabalho, é uma coisa muito envolvente. De repente não vira todo aquele dinheiro, mas vira todo aquele sorriso, foi tudo dinâmico, foi tudo uma alegria, desde você se montar até desmontar. Já valeu a pena”.

A juventude é o que chama a atenção. Apesar da maquiagem prata, que cobre o rosto e os braços por completo, e da máscara e do chapéu, que escondem os detalhes da feição, o corpo franzino, o leve sorriso no rosto, o cabelo ondulado desgrenhado e os alargadores que enfeitam as orelhas, dão as pistas: o rapaz deve ter pouco mais de 20 anos. O ponto de interrogação estampado em sua camiseta, também de cor prata, aguça a curiosidade: quem é o garoto por trás dessa vestimenta, ali, imóvel embaixo do Relógio Público de Níchile, bem no cruzamento da rua São Bento com a avenida São João, na região central da cidade de São Paulo?

Diego Araújo Godoi tem, na realidade, 22 anos. Paulista, mora com a mãe em São Mateus, na zona leste da cidade, desde que nasceu, e trabalha nas ruas há apenas três meses, de três a quatro vezes por semana, das 9h às 18h. “Só não venho quando tenho algum evento para fechar, festa para fazer ou quando estou doente, mas não entrei nessa viagem de bater meta não”, conta.

Mesmo trabalhando com tanta regularidade, Diego diz que o foco do seu trabalho não está no dinheiro e sim na arte. “Ganho bem com as festas que faço, eu não preciso vir para o centro para ganhar grana. Já ouvi gente me dizer que o que eu faço é pedir esmola, aí eu penso: ‘como o ser humano é fútil em algumas coisas’. Muito pelo contrário, eu venho até aqui, posso passar meu dia inteiro sem ganhar uma moeda, mas uma hora ou outra uma menina aqui, uma criança ali, alguém vai sorrir ou até mesmo chorar, é por isso que estou aqui, se ninguém plantar na mente de ninguém a magia, uma hora se perde tudo e as pessoas começam a se matar à toa, já está assim, né! É o que eu amo, amo fazer arte, amo também andar de skate, amo a vida”, diz.

É para arrancar sorrisos dos pedestres apressados que, em meia hora, Diego se caracteriza de um personagem prateado que é, segundo ele, uma mistura de tudo: um bobo da corte que usa máscara de baile de gala veneziano, sapato de palhaço e camiseta de charada. Ele se apresenta com dois apitos na boca e ao som de músicas nada tradicionais. “O que uma estátua tem a ver com som? Nada. Mas é psicodélico e eu quero trabalhar com som. As pessoas ficam tentando descobrir de onde está saindo esse *Foo Fighters*, esse *Gorilaz*. Anjo usa trilha sonora de

paraíso, não tem canto, é só aquele fundo musical mesmo, eu já tentei fazer uma coisa mais doidinha, coloco música eletrônica, um *setlist* de uma hora, e deixo rolar. Às vezes danço, brinco e paro de repente, é mais dinâmico, diferente e fica legal”.

O rapaz não tem um ponto fixo, cada dia está em um local diferente. Hoje escolheu o relógio porque achou que o monumento compõe bem com seu personagem e também porque, caso chova, ele pode se abrigar facilmente nas cabines telefônicas ou nos quiosques dos engraxates situados em frente à Bolsa de Valores.

A arte de expressão corporal que Diego executa remonta do antigo teatro grego, no qual os atores faziam poses imitativas de estátuas realizando movimentos estáticos no decorrer das peças. Este tipo de performance realizada em locais públicos por artistas de rua é encontrada no mundo todo até hoje. De acordo com Mascarenhas⁷, “a mímica é, historicamente, um gênero muito antigo, sempre associado às manifestações teatrais de

⁷ MASCARENHAS, George. *A produção de sentido na Mímica Corporal Dramática de Étienne Decroux e na pantomima moderna*. Bahia: 2007, p. 71. Disponível em: faculdaDESocial.edu.br/dialogospossiveis/artigos/10/06.pdf

caráter popular, como os grupos de saltimbancos, malabaristas e contadores de história e voltado para a mimesis (imitação) de animais ou de pessoas e tipos característicos das comunidades, a partir da caricatura e de um olhar grotesco sobre o imitado”. Dois grandes nomes da modalidade são Etienne Decroux, com a mímica corporal dramática⁸, e Marcel Marceau, com o mimodrama ou pantomima moderna⁹.

Diego aprendeu a ser estátua viva com o cunhado de seu pai, que criou um Michael Jackson em estátua humana mesmo sem ter muita habilidade para dançar. Foi com ele também que o rapaz entrou no mercado de eventos, realizando festas em residências e em *buffets*. Como Diego dançava de axé a *black music* durante a adolescência - apesar de gostar de escutar *rock* - o *swing* já estava nele, então o rapaz tratou de ensinar o que

⁸ A Mímica Corporal Dramática (MCD), criada pelo ator francês Etienne Decroux é definida como uma arte de movimento corporal. “Arte de movimento e não de silêncio, a MCD é uma forma artística construída inteiramente com base em princípios teatrais e que privilegia a construção cênica a partir do corpo do ator”. (Ibidem)

⁹ O mimodrama também conhecido como pantomima moderna é um estilo difundido por Marcel Marceau. “Com o rosto pintado de branco e portando luvas igualmente brancas, o pantomímico se debruça sobre a tarefa de criar objetos invisíveis, abrir e fechar portas imaginárias – ou se relacionar com a impossibilidade de abri-las –, criar a ilusão de que executa ações cotidianas com os objetos definidos pelas mãos e com expressões codificadas no rosto. (Ibidem)

sabia ao Michael Jackson, “que era muito duro”. “Eu falei para ele: ‘eu te ensinei a dançar, agora você me ensina o que sabe fazer’, aí comecei a acompanhá-lo aqui no centro, ajudando-o a comer e a se vestir, arrumando as coisas dele, observando e tirando fotos. Fui com ele para o Brás, para o calçadão de São Miguel Paulista, para um monte de lugar. Foi um curso rápido, foi assim que aprendi, e foi rápido mesmo, porque expressão corporal eu já tinha, pois trabalhava como palhaço, mas com ele aprendi como as coisas funcionam. Depois disso, ele me passou a lista do que eu precisava comprar para começar. Montei meu personagem, saí para a rua e desde o início foi o maior sucesso – sem cursos, só na coragem”, conta.

Antes de criar seu bobo da corte estilizado, que, para ele, “ainda tem muito a melhorar”, Diego trabalhou em diversas áreas, sendo o emprego em um laboratório fotográfico, localizado em um shopping da zona sul de São Paulo, sua primeira oportunidade. Na loja foi *office boy* e depois passou a atuar no laboratório como auxiliar. Ali descobriu outra paixão: a fotografia. Hoje, em paralelo às apresentações nas ruas e aos eventos de fim de semana, trabalha também como fotógrafo em um estúdio de publicidade perto de sua casa. “Se não está

brilhando dinheiro, eu vou atrás e faço outros trabalhos, já tenho 22 anos, não vou deixar minha mãe me bancar, então não sou muito de escolher. Amo arte, mas se estou apertado ou se preciso ajudar minha mãe em alguma coisa, ou ainda financiar algo que a gente queira que é mais caro, vou e arranjo um *trampo*, porque sou o homem da casa. Às vezes rola trabalhos que não têm nada a ver, por exemplo, já fiz bicos em autopeças, em feiras, tirando xerox em papelaria, recarregando cartucho de computador em lojinhas”.

O sonho de consumo do rapaz no momento é uma câmera fotográfica profissional da Nikon ou da Canon, porque a que tem é uma Zenit - máquina russa que funciona com filmes -, por isso, para evitar custos com as ampliações, a câmera está ‘encostada’. Mas em se tratando de sonhos e objetivos de vida, ele quer apenas manter sua alegria e sua saúde. “Meu sonho é continuar com a alegria que eu tenho, é ter só saúde mesmo, acho que o resto eu consigo tudo. Eu não quero ter nenhuma doença, não quero ficar numa cama, este é o meu maior sonho: chegar a uma idade amanhã ou depois super inteiro, porque eu amo fazer atividades físicas, amo tomar água, tudo isso que tem a ver com saúde. O mundo é complicado e querendo ou não a

gente tem amigos que se perdem, que dizem, ‘fumo um cigarro e não vai passar disso, bebo uma cerveja e não vai passar disso’, mas um dos meus melhores amigos, que me ensinou a desenhar e a andar de skate, se perdeu em drogas. Hoje ele é super forte, mas passou a vida inteira em um sítio de recuperação. Este menino que me ensinou duas das minhas paixões foi também o primeiro que eu vi acender um cachimbo de pedra, que me ofereceu droga, e eu falei não porque eu sempre tive minha mente feita e porque eu amo minha saúde”.

Outro sonho do jovem Diego é constituir uma família. Ele preza muito a relação que tem com o pai, que se casou novamente, com a mãe e com os avós. O rapaz não tem namorada nem muitos amigos. “Eu não me abalo com muita coisa não, se não tem ninguém para fazer um *rolê* comigo eu vou sozinho. Não deixo de ir ao cinema ver o filme que eu quero ver, nem deixo de andar de kart ou de jogar boliche só porque ninguém está disponível, vou sozinho. Não fico bajulando as pessoas para elas me acompanharem. Tenho vontade de amanhã ou depois, se Deus me conceder uma pessoa muito boa na minha vida, pegar minha querida e me hospedar em um hotel em alguma cidadezinha. Ao mesmo tempo em que curto a viagem com ela e

conheço um novo lugar, eu me apresento. Sei lá, tenho muito este pensamento de que na hora que eu me fixar com uma pessoa ela também curta essas coisas, porque ou ela vai me acompanhar ou... eu vou ter que continuar, eu nunca vou parar. Ela poderia estar ali para me filmar, fotografar, cuidar do meu site fazendo a coisa se movimentar, poderia também fechar eventos ou ainda fazer um personagem comigo e a gente estourar ainda mais. É gostoso você ter o apoio moral da sua mulher, acho bacana, eu sou bem emotivo nesses negócios, sou meio carentão”.

Enquanto o futuro não chega, Diego gosta de contar como é seu dia a dia desde que se aventurou a ser mais uma das estátuas vivas que realizam performances nas ruas de São Paulo. Ele diz que é muito respeitado e bem recebido pelas outras estátuas e pelo público e que em três meses de trabalho recebeu apenas uma crítica. “Uma menina parou na minha frente e falou: ‘você é tão lindo, tira essa maquiagem e vai trabalhar’. Mandeí um beijo para ela, o que posso fazer? Zilhões de pessoas passam o dia inteiro e dizem que meu trabalho é lindo e maravilhoso, você acha que eu vou ligar para uma pessoa que me criticou? Minha cabeça é vasta, eu tenho que pegar aquilo e ouvir na boa. Tem

um monte de gente que acha que somos estátuas só para não ficar pedindo alguma coisa para comer. Na verdade tem uma diferença muito grande entre o profissional, que trabalha sério, com figurino, da pessoa que se pinta e vai para a rua porque ela realmente não quer roubar, não quer fazer nada de errado e por isso entra na arte. Mas não tem problema também, às vezes essas pessoas evoluem tanto quanto a gente”.

Ficar imóvel é uma tarefa difícil e requer muita concentração. Mas para o personagem de Diego, mexer-se um pouco mais do que o padrão não é problema. “Algumas estátuas não aguentam ficar paradas um minuto, outras não se movimentam por nada. Eu me movo bastante porque sou um bobo da corte, eu não tenho a necessidade de ficar parado por muito tempo. Eu não vou me mexer só se alguém me der dinheiro, eu vou brincar com todo mundo, minha intenção é fazer rir, minha intenção é brincar. Às vezes uma criança chora, aí eu vou e mudo o quadro, dou uma pedrinha e uma mensagem, e pronto, a pessoa já se ilumina... mas cada um trabalha de uma maneira”. Para o rapaz, a preocupação das outras estátuas com tantos detalhes está diretamente ligada ao lucro. Diego é jovem, solto e idealista e,

apesar de compreender que cada pessoa tem uma vida diferente, sua opinião é crítica quando o assunto é dinheiro.

“Eu não cheguei a fazer plataforma ainda, eles fazem umas super altas que chamam bastante a atenção, mas é tudo reflexo da grana. Por exemplo, hoje meu *spray* quebrou e não consegui pintar meu cabelo, mas eu não fico muito em choque, me monto no meio da rua mesmo, tem gente que se esconde em um lugar e só aparece na rua depois de montado porque preza muito não revelar a identidade de quem está ali embaixo do figurino. Eu já não ligo muito, meu personagem pode se deslocar. O que eu vejo com meus olhos é que eles estão aqui visando à grana. Não sei da necessidade de cada um, mas eu acho que a maioria dessas estátuas está aqui por dinheiro. O que eu estou te falando deve ser raro, um cara que vem para fazer o que eu estou fazendo, só para abrir um sorriso e ficar feliz, depois ir embora no ônibus lotado e amanhã levantar às 5h30, tomar um cafezinho, ver a mãe saindo para trabalhar, chegar cedo aqui e às vezes voltar sem nada no bolso. Uma estátua tira por dia mais de R\$30 reais com certeza, mas se não virar isso quer dizer que não vou fazer mais ou que vou ficar triste? Eu não, o que eu ganho de mais valioso é a alegria e alegria é o que eu tenho para

passar, tanto que eu escolhi um bobo. Grana é ótima, todo mundo precisa, mas se o cara vier aqui pensando só em dinheiro ele está ferrado”.

Entre os aspectos ruins de trabalhar na rua, Diego cita a chuva, o sol forte, as crianças de rua e a ignorância como as piores coisas. Quando chove, o trabalho é interrompido na hora e toda a preparação, o tempo e o investimento com a maquiagem são perdidos. Quando o sol está muito forte, fica difícil trabalhar durante muito tempo. Quanto às crianças de rua, ele explica que pelo fato de elas não terem uma estrutura familiar, elas mexem nos pertences das estátuas vivas, além de sempre tentar roubar o pote onde o público deposita o dinheiro. “Não é uma coisa legal de acontecer, as crianças de rua mexem, xingam, querem brincar ou querem a pedrinha que eu dou para as pessoas que gostam do meu trabalho, é uma coisa insignificante, mas elas querem, aí eu dou. Só que elas não param, às vezes elas querem descobrir de onde vem a música, tocam em mim para saber se sou de verdade e acabam atrapalhando”.

Já em relação à ignorância, Diego conta que certa vez foi expulso de maneira muito rude por um segurança de uma loja na

Santa Ifigênia, enquanto se maquiava na calçada do estabelecimento. “Aqui no centro a gente tem o livre arbítrio de se montar aonde quiser, mas dependendo da loja eles não deixam, em frente de banco também não é bom porque eles acham que estamos ali para passar alguma informação. Mas não gostei do jeito que me tiraram na Santa Ifigênia. Eu estava na calçada me olhando no reflexo da porta, quando o cara começou a falar um monte. Eu só peguei as minhas coisas, atravessei a rua e deixei ele falando sozinho. O cara está trabalhando e eu estou me maquiando. Não vamos discutir, não vamos brigar. Falou que não pode? Eu saio numa boa. Eu sempre vou sair, eu nunca vou discutir, porque queima com meu *trampo* e outra, eu sou o bobo da corte, não posso discutir com ninguém”.

Em contrapartida, há aqueles que entendem o trabalho das estátuas vivas e as recebem muito bem. Na última chuva, Diego pegou suas coisas e correu para se abrigar em uma grande loja de calçados que tem ali perto. Para sua surpresa, o gerente ofereceu o banheiro dos funcionários, com espelho e bebedouro, para que o rapaz pudesse se descaracterizar e voltar para casa assim que a chuva terminasse. “Normalmente a estátua sempre se ferra, mas acho que com carisma, simpatia e educação você

consegue alcançar tudo. O ser humano vive muito naquela de dormir, acordar, trabalhar, ter, mostrar e acaba ficando nessa coisinha a vida inteira aí, quando menos espera, olha no espelho e se enxerga todo enrugado e cheio de doença, reflexo de uma vida de tristeza, de rancor, de uma vida vazia. Quantas pessoas não fazem isso todos os dias, deixam de conversar com os outros ou brigam com a própria mãe, não respeitam o próximo”.

Diego tem como hábito prestigiar a arte de seus companheiros de rua. Normalmente, antes de ir embora, ele passa em frente aos seus artistas prediletos e doa pelo menos uma moeda. É o *cowboy* ‘travadão’ que fica ali embaixo, a anjinha de cor cobre que se apresenta na ladeira Porto Geral, o saxofonista da rua ao lado, o poeta que ‘é uma pedra’ e cuja estrutura é branca, preta e cinza, todos estes são visitados pelo rapaz que, não raro, interage na performance dos artistas. “O poeta está lá com seu oclinhos das antigas lendo um livro, aí está a maior roda, de repente eu chego, vou dar o dinheiro e já travo na hora. É divertido, a plateia adora”.

Mas o grande espelho de Diego é o Max, um artista que faz um personagem chinês também ali na região da 25 de março.

Segundo o jovem, o homem deve ter mais de 50 anos, é todo tatuado e ‘super descolado’. “Eu vi o Max a paisana, ele é muito doido. Ele perguntou para mim se eu já tinha ouvido falar do Max, ele queria saber o que eu achava do trabalho dele. Eu respondi que conhecia sim. Aí um cara que estava com ele me disse ‘você está falando com o próprio’, e eu fiquei todo sem graça, mas ele foi muito simpático, me passou o email dele, desejou boa sorte, disse que meu figurino estava legal e que eu tinha que meter as caras mesmo. A ideia de dar as pedras eu peguei dele, mas ele dá umas grandonas, imagina o quanto ele não paga por essas pedras? Eu fui procurar uma vez, custa quase R\$5 reais! Então todo dia eu dou um dinheiro para ele, só para pegar uma pedra de outra cor, porque acredito muito em energia”.

Diego conta que quando faz as doações a seus colegas, não gosta de dar 25 centavos, dá no mínimo R\$1 real e no máximo R\$3 reais. “Porque eu faço a mesma coisa e não sei há quanto tempo ele está lá sem ganhar uma moeda sequer. Às vezes a pessoa fica ali me fotografando, pede beijo, pega na minha mão, e não dá dinheiro, mas para mim aquilo não foi importante, não precisa dar dinheiro, pode ir embora porque eu estou feliz. Já

outras pessoas param e perguntam: ‘o que você tem para me dar?’ Aí eu dou uma pedra e uma mensagem e torço para que saia uma que fale direto com ela, para que aquela pessoa pare e reflita. É como dar um remedinho, você dá um remédio na boca sem que ela saiba. Eu dou o remédio da alegria e a pessoa vai embora, mas alguns sabem que estão tomando esse remédio enquanto outros não percebem e pensam: ‘olha o otário pintado lá’. O mundo tem zilhões de opiniões, então o que importa é você saber o que é, o que pensa e como age”.

Mesmo com todos os desafios e preconceitos de trabalhar na rua, Diego diz que não trocaria seu trabalho de hoje por um formal, com carteira assinada, nem largaria as ruas para ser fotógrafo, sua outra paixão. Na opinião do jovem, é possível conciliar as coisas. “Já trabalhei nove horas por dia e ficar em um escritório eu não ficaria não. Está dando certo minha vida assim e com os eventos. No começo é mais difícil mesmo conseguir fechar as festas, mas hoje eu já tenho material para mostrar, abro meu notebook e mostro tudo o que já fiz e aí o trabalho flui. Aqui na rua é muito gostoso, mas cansa também porque você não fica em um lugar só. Seria legal ter alguém de confiança para me ajudar, mas é difícil hoje em dia encontrar

peessoas que pensem como eu. É triste, é só o dinheiro pelo dinheiro. Ouvir ‘parabéns, seu trabalho é muito bonito’, é bem mais satisfatório do que ganhar uma nota de R\$5 reais”.

Diego explica que seu desapego ao dinheiro teve origem ainda na infância, quando viu seu pai ser procurado pela polícia pelo fato de não pagar a pensão alimentícia corretamente. “Não sou nenhum *playboy*, moro com minha mãe, e meu pai, apesar de sempre ter ganhado bem, não pagava a pensão para ela. Não tenho raiva dele, amo ele de paixão, mas brigar por causa de dinheiro, meu? Se esse papel fosse tão valioso quanto outras coisas, outros sentimentos e outra energias... eu acho o dinheiro a maior desgraça, eu não vivo sem ele, mas é uma desgraça, essa é a verdade. As pessoas se matam aí todo dia por causa dele, morrem vidas, e isso não é qualquer coisa, são vidas! Por causa de dinheiro? E aí? Pega a merda do dinheiro e divide igual para todo mundo para você ver se não vai todo mundo sorrir igual?

A família de Diego apoia sua arte. O pai trabalha com ele nos eventos, a mãe, funcionária pública da prefeitura de Mauá, ajuda-o com as mensagens que ele distribui ao público. É ela quem seleciona e imprime os textos. Juntos, eles recortam os

pequenos retângulos e os enrolam como se fossem pergaminhos. Já o avô, que aos 78 anos ainda atua como mecânico, é o braço direito do rapaz quando ele precisa pintar suas fantasias no quintal da casa. A avó fica brava em dia de tingir de prata o figurino, o cheiro forte do *spray* a incomoda, mas no fim das contas ela acaba ajudando.

Mesmo apoiando e entendendo, a família de Diego não deixa de se preocupar com sua segurança, mas, segundo ele, a mãe já está acostumada com a independência do filho. “Ando de skate desde os 8 anos, então minha mãe já ficou muito de cabelo em pé. Quanto a estar aqui como estátua viva, ela sabe que eu não estou roubando e nem fazendo nada de errado. Ela só pergunta como está sendo, se eu estou gostando e diz para eu ter muito cuidado porque ‘centro de São Paulo é céu e inferno’, mas no geral ela gosta, não critica e me apoia, coisa de mãe mesmo”.

Diego é um rapaz de muita fé, que crê em Deus, mas que não segue nenhuma religião. Gosta de magia, mas não é bruxo e vem de uma família espírita. Sua mãe se interessa por budismo e frequenta igrejas católicas e evangélicas. “Minha mãe gosta de absorver todos os lados. No final das contas é o mesmo Deus,

bobo daquele que acha que são vários. Às vezes, quando vejo uma pessoa mais evoluída espiritualmente, eu consigo enxergá-la no meio da multidão, mas não vou lá parar a pessoa. Eu enxerguei, se ela me enxergou beleza”.

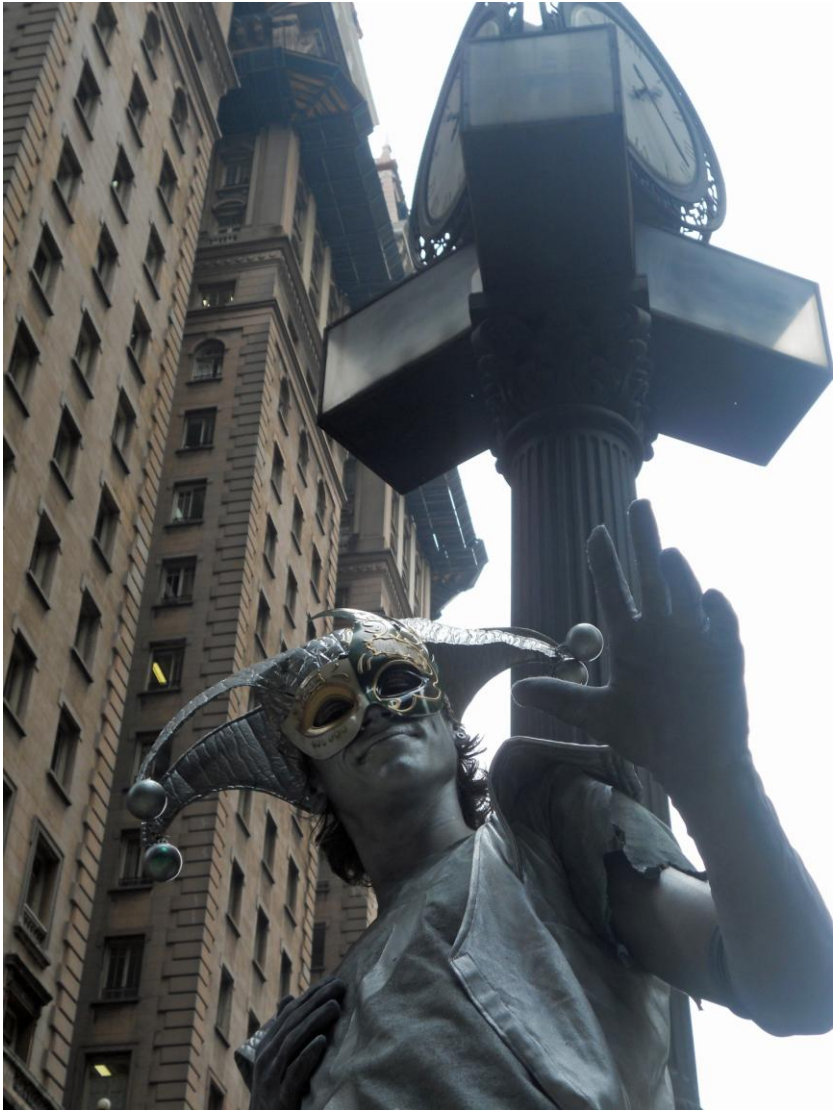
Quando terminar de evoluir seu bobo da corte, Diego quer montar um mago, porque nunca viu nenhum no centro da cidade. Outra possibilidade é um cigano de ouro, mas como ele sabe que irá gastar pelo menos R\$400 reais com o personagem, acha melhor esperar mais um pouco. “Eu não penso em ter vários personagens não, meu mago, meu cigano e meu bobo já está bom. Os figurinos são muito caros e gosto de peças exclusivas”.

O rapaz conta que está sendo muito bem recebido pelo público e que seu forte são senhoras, mulheres e crianças. “Senhoras e mulheres elogiam, criança ri e ama ganhar a pedrinha. Tem gente que passa e que nem olha para mim, só joga o dinheiro no pote e sai andando. Tem gente que eu imagino que pensa: ‘vou fazer a dele hoje aqui para ele ir embora mais cedo’ e dá uma quantia alta de dinheiro. Tem de tudo por aqui”.

Diego diz que não sabe ao certo quando o desejo de ser artista surgiu. Ele conta que sempre foi divertido e comunicativo, por isso arrisca a dizer que essa vontade “nasceu quando eu nasci”. “A arte é uma ideologia de vida assim como o skate também é uma ideologia de vida para mim. Quando eu não estou maquiado eu estou de bermuda e de boné para trás, cheio de vontade de descer uma ladeira a 70 km por hora. É uma ideologia de vida. Acho que até a malícia, a maldade da rua você aprende com essas coisas e a arte eu também aprendi na rua... expressão corporal, educação, saber dialogar com gente de qualquer lugar e sobreviver, isso é arte”.











2.2. OLIVIO BASAGLIA JÚNIOR, o poeta da avenida Paulista

“A gente vê algumas notícias na TV e pensa: putz grila, eu podia ter sido médico, para curar as pessoas, eu podia ter sido advogado, para lutar pelos direitos das pessoas, eu podia ter sido professor, para ajudar as pessoas a crescerem socialmente e materialmente também, mas não, eu sou poeta, eu quero ajudar o coração das pessoas para que elas não se sintam tão obrigadas a, mas a buscar mais a si, entende? O seu eu é o fator mais importante no universo todo. Você ter a benevolência, você ter a cordialidade, você ter a manifestação da positividade em si, estas são razões de existência. Agora quando a pessoa se entrega a preencher vazios aí a coisa complica. O álcool, a TV e mesmo a literatura quando serve para preencher vazios não é bom. Fico ferrado quando a pessoa pega meu livro e fala que vai ler nas horas vagas, o vago, o vácuo, viver nesse vácuo é viver sem opção. O ser humano existe para evoluir, ele é uma evolução”.

Olívio Basaglia Júnior, conhecido como Olívio Basievisctus, tem 49 anos e escreve há 32. O livro “Sendo, o brilho de Prosseguir”, é seu trabalho mais recente e, segundo ele, o 31º de sua autoria. Quem passa em frente ao vão livre do Masp (Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand), é abordado por Basievisctus de maneira personalizada, dependendo da aparência, ele entrega o livro e indica um poema diferente para cada possível leitor.

“Primeiro a gente pede licença, se a pessoa está triste a gente tenta dar alguma coisa alegre, se está com namorado eu pergunto se posso oferecer uma poesia para alegrar o casal. Se a mulher está sozinha a gente tenta exaltar a beleza dela, se a pessoa está com medo de andar na cidade a gente tenta mostrar que ela não está sozinha, tenta acalmar. Tento sempre provocar um choque porque todo choque é uma transformação. Se a pessoa está em um momento de preocupação a gente chega com a alegria, com o sorriso, o sorriso já provoca o choque e a pessoa pode sair daquele devaneio da preocupação. Se a pessoa

está alegre, exaltada com o time, a gente deixa manear um pouco e chega valorizando o time”, explica.

Basievisctus nasceu em São Paulo e hoje mora em Santo André. Ele foi casado mais de uma vez, tem dois filhos e um neto. “Foi com poesia que conquistei a minha casa e que criei meus dois filhos, só com a poesia. Já trabalhei em comércio, loja de calçado, fábrica de arma, fiz ajustagem mecânica no Senai, mas não era o que eu queria. Meu barato é a poesia”.

Ele é independente, escreve, diagrama e manda imprimir seus livros sem qualquer apoio. Segundo o poeta, certa vez um editor o procurou para contratá-lo, mas começou a dizer que mudaria vários detalhes no livro. Irritado, Basievisctus disse: ‘escreva você sua poesia, aí você coloca tudo exatamente do jeito que você quiser’. “Acho que o ser humano tem que valorizar aquilo que ele é”.

Ele conta que começou a escrever quando cursava o Senai e trabalhava na CBC (Companhia Brasileira de Cartuchos) e que desistiu de se formar em ajustagem mecânica quando faltava apenas um mês para a conclusão do curso.

“Minha vontade era escrever, conhecer o modo hippie nômade de se viver, de levar a arte até os outros. Comecei a escrever de sexta-feira e a levar a poesia para vender nos finais de semana até que certa vez ganhei em dois dias mais do que eu ganhava trabalhando e falei, meu velho, vou ser poeta, e fui ser. Meu pai pediu para que eu ao menos tirasse o diploma, e eu disse que não. Para que isso? Eu vou cortar uma veia para não doar sangue? Então vamos fazer a coisa certa e ser útil onde consigo levar minha arte. Eu vi que de algum modo eu tinha que ajudar a sociedade, eu devia contribuir de alguma maneira. E acho que colaboro sim, porque a poesia faz com que a pessoa pense”, diz.

“Meus quatro primeiros livros foram escritos em soneto 4433 e entre as linhas, entre as rimas, eu procurava estimular que a pessoa procurasse um pensamento, não obrigava, mas estimulava a pessoa a pensar. Depois, do quinto livro ao décimo segundo, fiz quadras e do décimo terceiro ao trigésimo primeiro, poesias livres. A minha poesia é livre agora, eu desejo que a pessoa leia e que entre uma linha e outra ela tenha a percepção de poesia, eu não quero dar a ideia pronta, eu quero que ela descubra dentro dela. Isso é uma evolução e o que eu desejo é evolução”.

Por acreditar que a sociedade anárquica seria o melhor sistema político para o mundo “por ter um pouco de liberalismo, comunismo, socialismo e capitalismo”, no início de sua carreira, nas décadas de 1980 e 1990, Basievisctus escrevia muito sobre política, até que começou a buscar mais a inspiração “no íntegro das pessoas”. “Na hora que a pessoa está nervosa a arte existe para relaxar, para deixar a pessoa pensar, porque aquele sorriso que ela dá no momento em que vê o movimento do palhaço, já a tira do estresse, aquele é o momento que ela deve aproveitar e pensar, é naquele instante do pulo ou do rolar do palhaço que ela pode resolver seu problema. A pincelada que o artista dá na tela é uma pincelada nos problemas. Vejo a poesia de Carlos Drummond de Andrade e de alguns escritores novos, ela busca que a pessoa pense, que a pessoa suspire, relaxe, tenha a inspiração e a expiração, que tenha um tempo. Sabe o ‘aaa’ da poesia de amor? Quando a pessoa dá esse suspiro ela está dando um tempo para ela. É sair daquela constância do ‘tenho que resolver’, do ‘não posso’, todo mundo precisa de um momento de relaxamento e a poesia é isso”.

Foi mais especificamente em 1978 que Basievisctus elaborou seu primeiro projeto. Ele pegou uma folha de sulfite e a dobrou

em três partes, escreveu algo sobre política e saiu para ‘batalhar’, como prefere chamar o ato de vender. Foi seu primeiro panfleto. “Chegou uma hora que achei que os estudantes das faculdades mereciam algo maior do que um panfleto, aí peguei três folhas de sulfite e dobrei em três, foi o primeiro livrinho. Eu acho que a vida é assim, se eu quero melhorar o meu conceito de estado social, evoluir para dar algo melhor para meus filhos, eu tenho que melhorar o que dou para o povo. Tem gente que me pergunta: ‘você não vai escrever livro mais grosso?’ Respondo: ‘calma, você conseguiu entender esse? Se você entendeu já está ótimo’. Meus livros são de bolso, não são daqueles grossões, eu vi esses dias um rapaz que carregava um livro enorme embaixo do braço, e não era um livro de faculdade, era um de conto. Ele não está errado, cada um lê o que quer. Os meus livros são mais para trabalhadores, para o jovem que quer alegrar a namorada, para aquele que quer dar uma espairecida na cabeça, e na minha opinião não dá para espairecer rapidinho com um livro de 250 páginas”.

Cada livro que o poeta escreve é vendido durante dois anos, mas caso algum leitor solicite, ele trás de casa um dos antigos. Ele conhece cinco leitores que têm a coleção completa. “Isso deixa a

gente feliz, porque a pessoa entendeu o que a gente faz, entendeu a poesia da gente e se deu algo positivo”.

Atualmente, Basievisctus trabalha todos os dias da semana. Às segundas-feiras, que seria seu dia de folga, ele escreve, nos outros dias sai para batalhar a venda de seus livros a fim de conseguir algum lucro para sobreviver e continuar produzindo. Chega a ganhar, por mês, mais do que um salário mínimo. Além do Masp, ele frequenta a feira do bairro da Liberdade aos sábados e aos domingos, às quartas-feiras, visita alguma cidade do interior e às terças, quintas e sextas-feiras vai a algumas universidades. “Eu gostava muito quando tinha a Belas Artes na Luz, agora tem a Pinacoteca, que também é um ótimo local, um centro de evolução. Um dos locais que acho mais lindo em São Paulo é o Centro Cultural Vergueiro, quem quer aprender vai lá e evolui, gosto também da parte do braile, o Vergueiro foi um dos primeiros lugares a ter braile, e com esta linguagem a gente permite que um cego também tenha acesso a literatura, está tudo interligado!”

O poeta vende seus livros a R\$20 reais, mas estudantes têm desconto: pagam R\$15 reais pela edição. “Aí tem gente que fala

‘não, só tenho R\$10 reais para dar’. Espera um pouco, é minha arte, é uma arte de luta, eu valorizo quem me valoriza também. Aí eu digo: ‘então quando você tiver R\$15 reais você volta e leva o livro’. A pessoa se denigre mesmo tendo o dinheiro só para ver se faz o outro de bobo e isso é uma decadência, é uma desvalorização do seu próprio Q.I.”.

Basievisctus não gosta da palavra trabalho, ele a acha complicada porque, para ele, todo modo de viver é uma arte e o trabalho, da maneira clássica como é conhecido, só visa ao lucro. “Por exemplo, já teve vez que sai para mostrar minha arte e apareceu um cara querendo dividir fumo comigo e eu conversei com o cara, disse que essa não é a minha e que ele deveria parar, às vezes não adianta, às vezes dá certo, já teve cara que parou, pensou e saiu daquele astral, entende? Teve uma vez também que uma moça chegou até mim segurando uma tesoura e disse que ia dar um fim nela, aí eu conversei com ela, peguei a tesoura e entreguei para uns policiais, eles me perguntaram o que a menina fez depois e eu disse que consegui arrancar um sorriso dela e que ela foi embora para casa. Aquele foi um dia ganho! Todo dia a gente tem que ver o lado positivo

das coisas, e não se desanimar, se acreditar! Se eu fosse desistir a cada não que me dão... recebo sete não para cada sim”.

Sorriso, do sorriso, do sorriso

A criança que
Existe em nós,
Canta,
Por brilho do
Som em eco;
Nascente luz humana,
Em certeza do pulsar.
Bravas nascentes
De entusiasmo,
Banham de PAZ
E AMOR o mundo;
Horas em sempre
Vivas,
Que se fazem
Conquistas de
Vitórias e sorrisos¹⁰.

¹⁰ Poema integrante do livro “Sendo – O brilho de Prosseguir”, de Olívio Basievisctus

“A minha vida foi provavelmente a realização de um sonho. Quis manifestar, manifestei, quis evoluir além do ritmo escolar, evolui. Quis acreditar em uma cura além da medicina, existe essa cura. A rua me ensinou a respeitar a psicologia do ser humano, a observar a integridade com o devaneio, porque um homem conquista sua integridade quando consegue dominar os momentos de tristeza e de alegria e conviver com suas personalidades nesses momentos. No devaneio, o ser humano vive ou só a alegria ou só a tristeza, sem a convicção de ser um só, e a gente vê isso no modo que a sociedade capitalista denomina chefes, donos, subchefes, empregados, patrão, isso coloca o homem um acima do outro psicologicamente sendo que todos tem a mesma energia. ‘Ah, mais um estudou mais para ser patrão’. Se ele estudou mais ele deve ter na cabeça que ele é mais sábio e mais sábio é aquele que se torna convicto de que sua sabedoria é para a evolução e não para dizer que ele é mais do que os outros, mas sim para evoluir todo mundo junto. É devagar, mas aos poucos a gente vai caminhando até tornar esse país uma nação. Não nação, nação. Nação de união, para então, finalmente, sermos um povo”.











2.3. SANTIAGO ALFONSO OLIVARES CONETEJOS, o malabarista da rua Estados Unidos com a avenida 9 de Julho

“O que você pode aprender viajando e vivendo sem dinheiro é humildade, simplesmente humildade. As pessoas pensam que porque eu trabalho no semáforo eu vivo na rua, eu não tenho educação, eu sou um tonto, mas não é assim. A sociedade é muito excludente, marginaliza muito, você pode ver isso o tempo todo. É o dinheiro que é importante? Eu tenho dinheiro trabalhando assim, com malabares, mas eu não tenho valorização social. Só que não me importo. Eu vou e sigo viajando sem medo. Não tenho medo da exclusão, não tenho medo de ser igual a uma pessoa que está na rua ou de ser confundido com ela, porque eu sou igual, a única diferença é que tenho a sorte de poder pagar um quarto de hotel para dormir. Eu sou feliz em poder trabalhar com malabares porque não necessito de muito na minha vida. Eu trabalho, eu gosto, eu acho gostoso, se as pessoas gostam, muito melhor. Não quero nada mais, só isso”.

Maquiagem branca e expressões expansivas. O homem de camisa listrada e tênis vermelho se coloca sobre a faixa de pedestres. Com habilidade, joga bolinhas amarelas para o alto deixando-as, vez ou outra, caírem propositalmente em sua cabeça. Cambaleia, faz graça, pula, sorri. Guarda tudo no bolso. Ele só tem mais 30 segundos. Precisa ser rápido. Caminha até os carros, já ansiosos pela iminência do verde. Vidros fechados é o que encontra. Quase ninguém devolve o sorriso que ele deu. Será que tem alguém aí atrás da película escura? Medo, insegurança, desconfiança, pressa, irritação, egoísmo. Tempo, tempo, tempo. Cadê o amor? Ele segue tentando... não vai desistir. Quem sabe da próxima vez? O farol abre e as máquinas, finalmente, cruzam a avenida 9 de Julho.

Faz só um mês que Santiago Alfonso Olivares Conetejos chegou ao Brasil pela primeira vez. Aos 27 anos, ele trancou a faculdade de psicologia e saiu de La Serena, capital da Quarta Região de Coquimbo, no Chile, para viajar, conhecer, aprender

e evoluir. Já se foram oito meses desde o dia em que o jovem tomou essa decisão e quatro países visitados – Peru, Bolívia, Equador e Brasil.

Com poucos dias em São Paulo, Santiago percebeu que os brasileiros paulistanos são os mais desconfiados da América do Sul. “Em relação a dinheiro os melhores países que conheci são Brasil e Equador, mas aqui as pessoas são muito fechadas, não contribuem, vale a pena porque o real está valorizado. Já no resto da América do Sul as pessoas são bem mais empáticas, riem mais, entregam o que têm. O brasileiro é um pouquinho orgulhoso, um pouquinho desconfiado e anda sempre com os vidros fechados”.

Santiago não sabe quando, mas já sabe qual será seu próximo destino: Argentina. A data da viagem não está definida, pois o jovem só muda de país no momento em que sente que apreendeu o modo de vida de cada lugar visitado. “Gostaria de ficar mais aqui, mas o Brasil é um pouco hostil. Aqui é difícil, tudo é muito caro, mas há também muita oportunidade, muitas coisas a aprender, queria ficar aqui por mais tempo, mas acho

que em breve vou à Argentina e mais tarde volto para o Chile, onde pretendo sossegar novamente”.

Foi a exemplo de um amigo que Santiago decidiu conhecer o mundo com os malabares e foi também por ele que o jovem incluiu o Brasil no roteiro. O colega é malabarista e vive há três anos em São Paulo, Santiago diz ter ‘muito o que conversar com o amigo’. “Ele viaja como eu, mas já faz um tempo que ele está aqui, ele faz malabares no farol, visita favelas, trabalha em circo”.

Mas Santiago tem outro motivo para estar no Brasil além da vontade de rever o colega: conhecer. “Não creio que seja o melhor lugar para estar, já que é caro viver no Brasil, mas eu viajo porque quero crescer, porque quero aprender e se você fica em um só lugar durante toda a sua vida, você estanca, não evolui. Eu viajo, viajo, conheço e trato de ficar legal”.

Fora o amigo, a companhia de Santiago no País é a namorada, que conheceu há oito anos durante uma viagem a Arequipa, no Peru. Hoje, apesar da demora em se adaptar a realidade dele, ela também é artista de rua. O casal não tem filhos e segue viajando

junto sem projetar muito o futuro, já que ‘é difícil planejar quando se está mudando de lugar o tempo todo’. “Enquanto estou aqui ela está no quarto arrumando as coisas, estamos hospedados no centro e vamos mudar de quarto hoje porque a diária está muito cara. Para se viver aqui precisamos ganhar pelo menos R\$60 reais por dia e ainda é pouco, porque só a hospedagem custa de R\$40 a R\$50 reais e tem também a comida, que não é barata”.

O valor mais alto que Santiago já ganhou em um dia de trabalho nas ruas foi R\$100 reais, e isso acontece, normalmente, aos finais de semana, quando a população está na rua mais a passeio do que a trabalho. No dia a dia, ele costuma voltar para casa com R\$30 reais, R\$50 reais, um pouco mais ou um pouco menos. Então, após trabalhar várias horas embaixo de sol e de chuva, ele não tem muito tempo nem disposição para se divertir fora de casa. “Não temos muito tempo para isso. Eu fico feliz estando tranquilo em minha casa, descansando, porque tenho que trabalhar muito agora. Eu não tenho muito tempo para ficar passeando aqui em São Paulo, adoraria conhecer mais, aprender mais, fazer uns cursos de teatro, de malabares, de muitas outras coisas, mas precisaria de mais tempo e dinheiro”.

Santiago começou a mostrar sua arte em troca de dinheiro ainda no Chile, em um momento da sua vida em que realmente precisava de um suporte financeiro. “Muita gente faz isso e eu não sei fazer nada mais. Não tinha mais dinheiro para viver e precisava da grana, foi assim que comecei a trabalhar nas ruas”.

Apesar de se entender como artista ele não tem problemas em revelar a sua necessidade, encara sua arte como trabalho e é com ela que conquista seus objetivos. “Na rua funciona assim: você pode fazer o mesmo dinheiro que ganha após oito horas de trabalho em quatro horas. Mas mais importante do que isso é o fato de ser algo muito gostoso de fazer. E você vai aprendendo sempre, cada vez mais coisas, então você faz o que você gosta e ainda entrega arte as pessoas, entrega um pouco de alegria a elas e vive tranquilo e feliz”.

É por este estilo de vida que Santiago preferiu abandonar o terceiro ano de psicologia no Chile e arrumar as malas. “A psicologia é interessante e muito gostosa de estudar, mas não creio que esteja nela a solução que muitas pessoas buscam. Eu não quero um trabalho formal, eu não quero ganhar muito dinheiro, ser reconhecido na sociedade, por isso deixei a

universidade e segui com um trabalho ‘sem valor e sem importância’, mas como disse, que não me estanca”.

A família respeita e apoia o jovem, mesmo preocupados com seu futuro e distantes de sua realidade. Santiago acredita ser uma inspiração aos irmãos. “Acho que eles pensam que eles podem mudar também, porque é disso que se trata. Não é de dinheiro, é de mudar, de se arrumar, de buscar, e isso é bom. Eu também tenho medo, mas trato de mudar, trato de crescer”.

Com os pais, ele pouco fala, liga de vez em quando porque acha que ‘não é tão necessário manter contato constante’. “Meus pais são iguais aos outros. Estão vivos, moram no Chile. Eles têm um pouquinho de medo, porque sou filho deles e porque posso estar em qualquer lugar, mas os medos que eles têm são os mesmos que temos todos. Isso é normal, eles continuam com suas vidas e em algum lugar de suas mentes devem pensar: ‘mas como nosso filho está em outro país?’”.

Hoje, o sonho de Santiago é ajudar as pessoas a crescerem tanto quanto ele, a enxergarem o mundo de maneira diferente resgatando os valores mais simples da vida. “Quero poder

trabalhar para ajudar as pessoas, para mudar um pouco a mente delas e fazer algo por elas. Quero, mais para frente, voltar para o Chile e trabalhar lá fazendo cultura e arte. Quero mostrar às pessoas que é possível ser feliz sem muito dinheiro, sem trabalhar tanto, trabalhando sim, mas não dessa forma. Que se pode ajudar. Que se pode ser feliz sem muito dinheiro. Quero mudar a sociedade, porque não pode ser que haja tanto dinheiro e tanta pobreza, tanta gente na rua. Não tem um sentido tamanha desigualdade, então para que seguir nesse sistema? Todo mundo que passa por aqui vai morrer e todo o dinheiro acumulado durante a vida não vai servir de nada, então, para que? Entende? Precisamos mudar!”

Santiago afirma simpatizar com o socialismo e com o comunismo, mas não com a política. Diz não acreditar na democracia, mas que este sistema, de fato, deveria existir em nome da igualdade entre as pessoas. “Se há gente vivendo na rua é porque a sociedade é excludente, é porque a sociedade construiu algo ao redor do dinheiro que não significa nada. As pessoas trabalham todo dia, toda a vida, para ter um pouquinho de dinheiro. Mas para que? Para ser aceito socialmente? Não, não, isso é uma pena. Eu creio em algo mais transcendente, algo

maior que esse mundo, que essa vida. Eu creio em Deus, de uma forma ou de outra, a minha maneira, mas eu creio que todo mundo deve crer em Deus. Se há algo mais, eu vejo, eu sinto, eu não necessito mudar, eu creio em Deus”.

Para o jovem chileno, a importância da arte está em transformar a realidade. “A arte te mostra as coisas de outra forma, e qualquer um pode fazer arte. A arte é um ato criativo e o ato criativo fazemos todos quando mudamos, quando crescemos, quando aprendemos. Então a arte é algo essencial para todas as pessoas. E o ideal, o melhor seria que todos pudessem fazer arte, que todos pudessem ter a arte por perto. Há muitas pessoas que creem na revolução pela arte e eu acredito sim um pouco nisso, de que a arte pode transformar as coisas. Há um pouco de magia também, mas isso já é outro tema”.

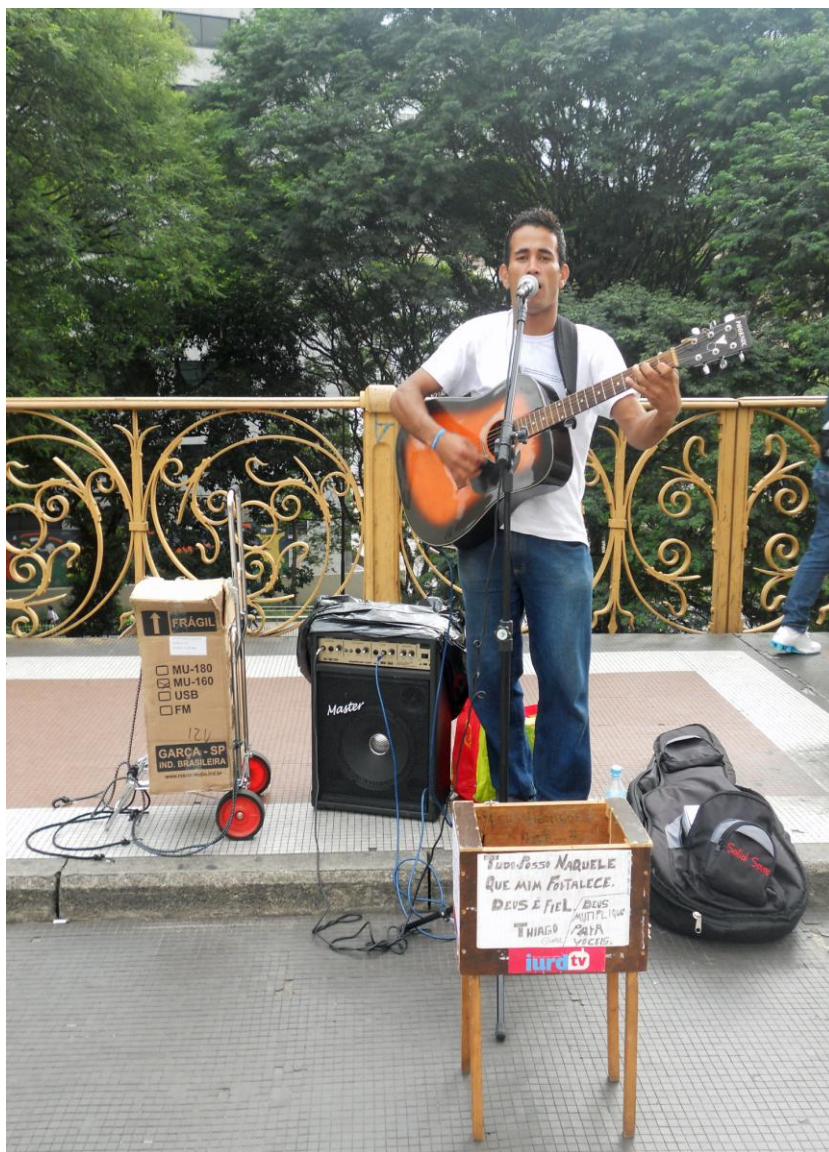












2.4. Valquer Pereira de Arruda, o cantor de música gospel do viaduto Santa Ifigênia

“Tem que ir em frente, não pode desistir não, se você tem um sonho, tem que ir em frente, tem que ter fé, tem que acreditar no seu sonho, porque aí as coisas acontecem. Só está tudo perdido mesmo quando a pessoa morre, se eu morrer hoje eu morro feliz, porque eu sei para onde eu vou”.

Em uma manhã ensolarada de 2011, Thiago saiu de casa bem cedo, despediu-se da mulher, tomou um ônibus com destino ao centro de São Paulo e se sentou em um banquinho bem no meio do viaduto que liga o Mosteiro de São Bento à Igreja de Santa Ifigênia. Da capa, tirou o violão que havia emprestado do irmão na noite anterior e começou a dedilhar alguns acordes enquanto a voz, ainda tímida, ensaiava cantar músicas evangélicas. Com o nome artístico que homenageia um dos doze apóstolos de Jesus Cristo, o baiano Valquer Pereira de Arruda decidiu, aos 23 anos, que a partir daquele dia não trabalharia mais para os outros, iria utilizar seu talento e sua fé para sobreviver na cidade que o abriga já há seis anos.

Quase como um milagre, poucos meses após a primeira experiência, Thiago teve uma surpresa: um senhor chamado Cícero parou diante dele e disse: ‘vamos ali na loja que eu vou comprar um violão de verdade para você’. Imediatamente, o rapaz guardou suas poucas coisas e seguiu o homem por alguns metros, até uma das diversas lojas de música existentes na

região. “Ele me deu esta viola aqui, da marca Phoenix, a mais cara da loja”, conta agradecido.

Quando Valquer concluiu o primeiro ano do ensino médio, aos 16 anos, ele arrumou suas malas e partiu da Bahia rumo a São Paulo. Na capital, trabalhou em indústrias como operador de máquinas e ajudante de produção, foi também frentista, balconista, vendedor e servente de pedreiro. “Trabalhei em muitas outras coisas aqui, só que eu tenho um talento dentro de mim e despertei este dom, por isso vim para a rua e também para ganhar meu próprio dinheiro. Parei de trabalhar para os outros e hoje é assim que sustento minha esposa e meu filho. Se eu ainda estivesse naquela vida, só quem estaria bem seria meu patrão, hoje eu ganho meu dinheiro, hoje eu aprendi a ganhar meu dinheiro, hoje ninguém me segura não”.

O jovem toca nas ruas há nove meses, de segunda-feira a sábado, das 11h às 17h, e conta que o mínimo que ganha por dia é R\$180 reais e que já chegou a ganhar R\$200 reais. “Antes, quando eu estava sem aparelhagem, sem nada, não tirava isso não, tirava no máximo R\$80 reais por dia, mas agora Deus está abençoando e ganho de R\$100 a R\$200 reais. Eu gosto do que

faço e está dando certo. No meu trabalho eu dependo só de Deus e do meu talento, aí eu venho na certeza, eu venho para não voltar de mãos vazias para casa. Estou aqui pelo meu talento e pela minha arte, o dinheiro é consequência, o dinheiro vai vindo e eu vou sobrevivendo fazendo o que gosto”.

Aos poucos, Thiago foi juntando recursos para se aperfeiçoar. Com o dinheiro conquistado na rua, ele comprou seus equipamentos e pagou suas dívidas. “Agora, o próximo passo é gravar um CD, este é meu maior sonho. Sou compositor também, e estou fechando dez louvores, quando finalizar tudo, vou gravar meu CD”.

Thiago toca violão desde os 12 anos. É por ter aprendido sozinho que considera a música seu dom. Foi também com essa idade que ele compôs sua primeira canção, uma música sertaneja que costumava cantar com seu irmão, Isaac, que também vive em São Paulo. De vez em quando, Isaac vai tocar com Thiago nas ruas para relembrar os tempos de ‘Thiago e Isaac’, dupla que tem canções como ‘Hoje Estamos Bem’, ‘Levanta a Taça Brasil’ e ‘Lembranças de Papai’ gravadas amadoramente e disponíveis na internet. “Mas meu irmão quase

nunca vem comigo, acho que a mulher não deixa ele vir, ela é muito ciumenta, ao contrário da minha, que me apoia muito. Coitado, ele trabalha em uma gráfica e ganha R\$1000 reais por mês”.

Além de meio de vida, o jovem cantor se apresenta nas ruas para ‘passar positividade’ às pessoas e não se incomoda quando recebe críticas ou olhares tortos. “Tem gente que passa por aqui e fala que eu estou doido por cantar na rua, alguém sempre fala alguma coisa, só que eu não estou olhando para isso, estou olhando para quem vai me abençoar, entende? Estou olhando para quem pode me dar as coisas e não para quem me critica, porque se eu estou aqui é porque eu acredito. Se eu não acreditar em mim quem é que vai acreditar?”

No cotidiano de Thiago como artista de rua, poucas coisas o incomodam: em primeiro lugar, o fato de ainda não ter conseguido comprar seu carro e todo dia ter que tomar o ônibus lotado carregando seus equipamentos de trabalho amontoados em um carrinho de feira – o violão, a caixa de som, o pedestal e a banqueta onde recebe as doações, tudo vem com ele no transporte público. “Mas para mim isso não é obstáculo, eu

passo por cima disso todos os dias”. Outro empecilho é a chuva, já que quando o tempo fecha ele precisa correr para guardar seu material antes que a água estrague tudo. “Hoje mesmo eu pensei que fosse chover, aí desmontei a estrutura, mas a chuva me enganou e tive que montar tudo outra vez”. A última condição que causa estresse para Thiago são os policiais, que de vez em quando implicam com os artistas. “Eles vem conversar comigo, mas eu estou com uma ordem que me autoriza a trabalhar na rua aonde eu quiser, ando com o decreto do Kassab aqui na minha bolsa, a lei é boa”.

Do alto do viaduto Santa Ifigênia, o músico observa diariamente os automóveis que ficam presos no trânsito da avenida Prestes Maia. É do alto do viaduto que ele sonha com o dia que sua voz, sua música e sua mensagem irão tocar nos rádios de alguns daqueles veículos. “Meu sonho é gravar um CD. Para Deus nada é impossível não. Uma hora vai aparecer um anjo forte aí que vai dizer: ‘ei, vamos gravar um CD’. Pronto, já era. Mas se não aparecer este anjo, não tem problema, porque eu vou atrás do meu sonho e vou sim gravar meu CD”.

É esta a fé que move o artista Thiago a ter coragem de ser o homem Valquer. O homem que sente saudades da sua terra natal, mas que tem vontade de regressar apenas como visita, para abraçar os pais e os avós, matar as saudades dos amigos, sentir o cheiro da Bahia e então voltar novamente a seu lar, São Paulo e suas ruas. “Sigo na luta com a minha arte”.

E começou a cantar.

“Se tentam destruir-me zombando da minha fé / E até tramam contra mim / Querem entulhar meus poços / Querem frustrar meus sonhos e me fazer desistir / Mas quem vai apagar, o selo que há em mim / A marca da promessa, que Ele me fez / E quem vai me impedir, se decidido estou / Pois quem me prometeu é fiel pra cumprir / O meu Deus nunca falhará, eu sei que chegará minha vez / Minha sorte Ele mudará, diante dos meus olhos / Eu tenho a marca da promessa¹¹”.

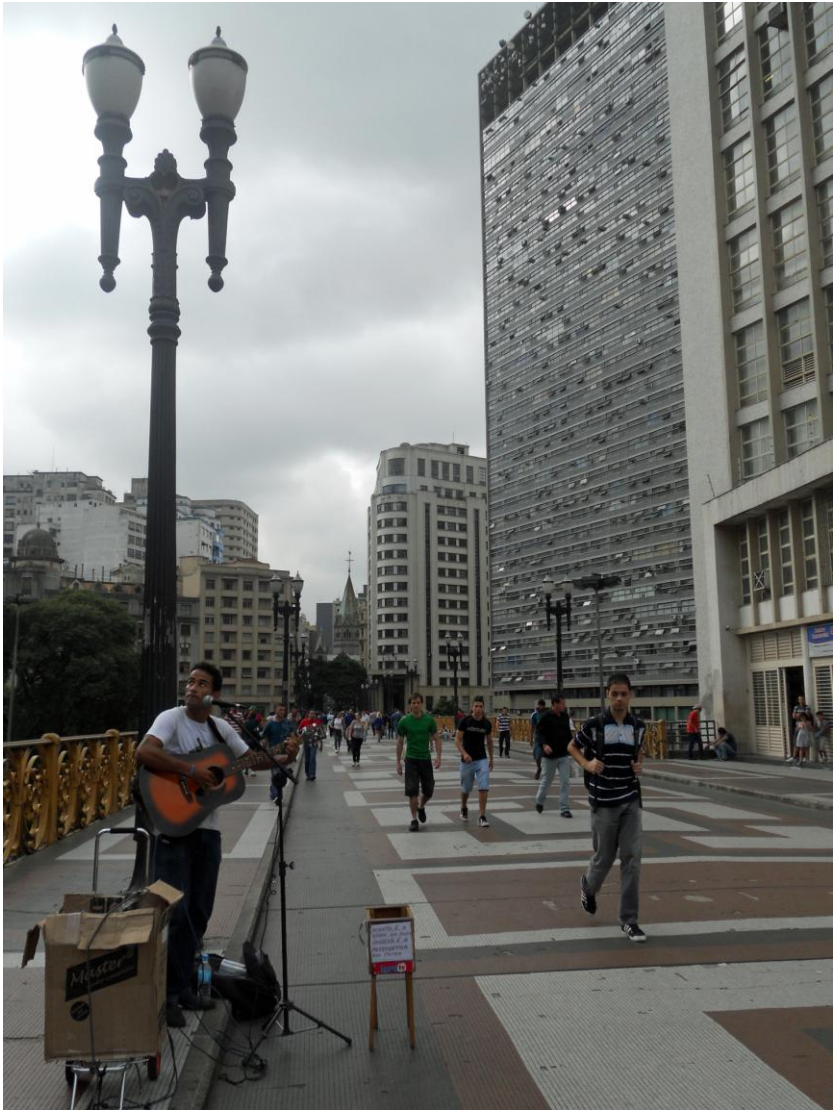
¹¹ Canção “Marca da Promessa”, do conjunto de música cristã contemporânea “Trazendo a Arca”. Disponível em <http://letras.mus.br/trazendo-arca/1030076/>













2.5. José Rodrigo da Silva e Ezequiel Pedro da Silva, os repentistas da Praça da Sé

“Aqui está ruim, mas lá está pior. Nós já estamos em São Paulo há mais de trinta anos. Aqui tem água para beber, lá não tem, está certo que é cara a água, mas a gente consegue arrumar um dinheiro para pagar. Meus filhos nasceram nesta cidade - eu tenho dois filhos que estão se formando em São Paulo -, e eu vou para o Nordeste fazer o que? Nossa vida está aqui, o Nordeste é passado, uma porque meus pais já morreram, eu é que não vou para lá mesmo, vou ficar aqui até morrer também. Já sou mais paulistano do que nordestino”.

Três homens se aproximam e param bem no encontro da rua Direita com a XV de Novembro, na região da Praça da Sé, no centro de São Paulo. Eles colocam as mochilas no chão e tiram da bolsa três pandeiros. Enquanto o mais franzino toma um gole de água, o outro, mais agitado, ensaia os primeiros saculejos ritmados no instrumento. O terceiro, mais jovem e forte, tira de outra sacola alguns CDs e DVDs e aguarda de escanteio. Separados apenas pelas mochilas, que agora servem de suporte para um pandeiro emborcado, os dois homens se olham desafiantes e, em um instante, começam a cantoria: “sou um corno conformado/ não é da conta de ninguém/ quem tem inveja de mim/ venha ser corno também”. Poucos versos depois, alguns passantes, já com sorriso nos lábios devido à letra irreverente, param curiosos para escutar o resto da música. A roda aumenta rapidamente. As gargalhadas já são tantas que encobrem o som das buzinas e dos vendedores ambulantes. A atenção toda se volta para aqueles dois homens que, em intervalos curtos, improvisam sobre uma base melódica declamatória versos cômicos e provocativos, ora brincando com

o público, ora apresentando versões divertidas de canções famosas.

“Compra o CD que já tá acabando, tinha 50 e agora só tem 49”, diz no meio da canção José Rodrigo da Silva, mais conhecido como Pena Branca do Pandeiro, apontando para José Wilson Correia da Silva, o homem forte que segura alguns CDs e DVDs da dupla. Wilson além de vender o material de divulgação de Verde Lins & Pena Branca é responsável por fazer a segurança do dinheiro arrecadado enquanto a apresentação acontece. Ele também é cantor e compositor e substitui qualquer um dos artistas quando necessário. Conforme o show se desenrola, o pandeiro emborcado vai se enchendo de moedas e notas e, com cuidado para não atrapalhar os artistas, Wilson deposita o dinheiro arrecadado em um saco laranja. A qualquer tentativa de aproximação do centro da roda, Wilson vai logo pedindo para a pessoa se afastar, assim como os próprios repentistas que dizem, incluindo no improviso, falas como: “o senhor vai para trás, que já tem dinheiro na bolsa”. E todos riem.

Uma paródia começa e garante mais gargalhadas: “pra dançar créu tem que ser um baitolão/ pra dançar créu tem que ser

afeminado” (...) Neste momento, um morador de rua vestido com um colete da CPTM (Companhia Paulista de Trens Metropolitanos) com a inscrição “Posso ajudar?”, aproxima-se da roda e começa a gritar: “eu sou o verdadeiro neto de Lampião”. Ezequiel Pedro da Silva, o Verde Lins, com jogo de cintura, diz: “Tua morte tá te procurando, fecha aí para esse espírito mal não entrar”. E Pena Branca completa olhando para o público: “aproveita que você só vê essas coisas no show da gente, no do Zezé não tem não”. O morador não desiste, e repete: “eu sou o verdadeiro neto de Lampião”. Já sem paciência, Verde Lins dá uma ‘pandeirada’ na perna do morador e se justifica para a platéia sem parar o show: “o repentista é assim, qualquer barulho deixa a gente doido, o cara fica doido e endoida a gente também”. E Pena Branca, mais uma vez, completa: “a gente faz show na rua, não tem porta, não tem parede”. O morador insiste gritando e dançando: “eu sou o verdadeiro neto de Lampião”. O público ri e colabora com a dupla tentando impedir a entrada do homem na roda. O mendigo se acalma e acende um cigarro de maconha. Verde Lins pede para ele apagar. O homem apaga e coloca no chão. Poucos minutos depois, ele pega o cigarro do chão e coloca na boca do lado contrário. E o show continua:

Pena Branca: “Ontem a gente tava em São Bernardo aí um homem chegou e nem perguntou quanto era, levou logo 40 CDs e 40 DVDs e ainda ficou perguntando se a gente tinha mais. Era o fiscal da prefeitura”.

Verde Lins: “Ô gente, não tá na hora de vocês procurarem um emprego não? Já vi muita gente dura, mas tudo junto assim é a primeira vez”.

O mendigo interrompe novamente: “Eu sou de Minas Gerais”. “Você era quando era vivo”, responde instantaneamente Pena Branca. Uma moradora de rua se aproxima segurando uma garrafinha de pinga e Verde Lins encaixa: “o coveiro viu quando você saiu? O que ele disse?”

Entre uma música e outra, um jovem coloca R\$10 reais no pandeiro de Verde Lins. O público inteiro o aplaude e Pena Branca caminha até o jovem, estende seu pandeiro e diz: “Agora é a minha vez”, solicitando mais dinheiro. Mais risadas.

É assim, com muito humor, pensamento veloz, improvisado e jogo de cintura, que Verde Lins & Pena Branca tocam seu show. É

também dessa maneira que eles vivem em São Paulo há quase quatro décadas, sobrevivendo com o dinheiro que ganham em suas apresentações de embolada, gênero musical que entrou em suas vidas não por escolha, mas sim por origem, já que o ritmo nasceu no Nordeste brasileiro. Coincidentemente, os dois homens são pernambucanos de Barreiros, cidade localizada a aproximadamente 100 km da capital Recife, mas foram se conhecer apenas em 1986, quando já estavam em São Paulo.

José, o Pena Branca, trabalha na rua há 30 anos e tem sete CDs e DVDs gravados em parceria. Com Ezequiel, o Verde Lins, tem apenas dois trabalhos. Ele chegou a São Paulo quando tinha apenas 15 anos, hoje já possui 33 anos de experiência como embolador.

“Antes eu trabalhava em empresa, mas eu sempre tive o dom de cantar. Gravei CD, DVD, no começo era fita cassete, depois LP, mas sempre divulgando na rua. O retorno é bacana, graças a Deus. Essa é a nossa única fonte de renda e é com ela que a gente sustenta nossas famílias, na luta, mas é a única renda que nós temos, graças a Deus”.

“Fazemos com prazer e é o que dá para nós vivermos, mesmo com os abusos dos fiscais, que às vezes se metem aonde não devem e que ao invés de fazer um trabalho correto vem atrás de outro mais fácil, pegando o repentista, o embolador, o forrozeiro que faz show de rua e tomando o CD e o DVD que você faz para completar o salário. É complicado, porque a gente não tem patrão não, radialista não é nosso patrão, e também apresentador de TV não é patrão da gente, patrão nosso, do artista de rua, é o povo que passa e até o próprio morador de rua, que ajuda o artista de rua, eu agradeço a todo mundo. Se a televisão me chama, se me dá um cachê eu vou sim, agora se não me dá nada eu não vou também, porque eu não tenho nada a perder, fazer graça para os outros sorrir eu faço na rua”, afirma Ezequiel.

Segundo os emboladores, eles já se apresentaram em diversos programas de televisão - do Gugu Liberato, do Ratinho, do Silvio Santos e até do Bolinha muitos anos atrás. “Já fomos em vários programas e em quase todas as emissoras por aí, mas não é direto igual o Cajú & Castanha, que estão todos os dias em todo o canto, eles estão na mídia porque eles correram muito

atrás. Cajú & Castanha¹² começaram na rua, mas chegaram lá”, explica José.

¹² A dupla Cajú & Castanha era composta pelos irmãos pernambucanos José Albertino da Silva (Caju) e José Roberto da Silva (Castanha). Na adolescência mudaram-se para Recife. Caju aos 18 anos e Castanha com 16 começaram a carreira artística apresentando um programa de rádio e um de televisão em Recife. Foram considerados por Luiz Gonzaga e Zé Ramalho como "Os pequenos mestres do repente". Em 1980, lançaram o primeiro disco. Cantam, entre outros gêneros, a embolada, gênero típico do Nordeste. Em fins dos anos de 1990, fizeram apresentações na festa de Folia de Reis de Alto Belo em Minas Gerais. Em 1992, lançaram disco interpretando cocos e emboladas. No mesmo ano, estiveram no programa Faustão da TV Globo, interpretando composição de Teo Azevedo, falando sobre a corrupção no governo Collor. Com a morte de José Albertino da Silva, seu lugar na dupla, inclusive com o mesmo no artístico de Caju, foi ocupado por Ricardo Alves da Silva, um sobrinho dos irmãos. Em 2001, a dupla participou do CD "Brasil com 's' - Téo Azevedo - 60 anos", lançado pela gravadora Kuarp, interpretando a embolada "Trava língua do 'p'", de Téo Azevedo, Daudete e Pedro Bandeira. Em 2002 a dupla lançou pela Trama o CD "Andando de coletivo", no qual interpretam, entre outras, o trava-língua "Corinthians x São Paulo", "Desafio de Castanha e Caju" e "Menina diet", todas de autoria da dupla. A faixa "DNA" contou com a participação do cantor Falcão. Em 2009, a dupla lançou o CD "Professor de embolada 2". No mesmo ano tiveram programa especial na TV Record News, falando de sua carreira. Desde o primeiro disco, que teve como sucesso a embolada "O ladrão rico e o sabido" a dupla lançou 19 discos, realizando uma média de 4 shows por semana. Em 2010, lançaram o CD "Festival de emboladas". Com o disco, receberam indicação ao 22º Prêmio da Música Brasileira, na categoria melhor dupla de música regional, ao lado de Sérgio Reis e Renato Teixeira, e Zé Mulato e Cassiano. Fonte: Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira.

Disponível em <http://www.dicionariompb.com.br/caju-e-castanha/dados-artisticos>

Eles afirmam ter muito prazer em se apresentar nas ruas, mas que todos os dias se deparam com novos desafios. “O atrasado, quando não é o fiscal é a metropolitana ou a militar. São os piores, na nossa vida são eles os piores”, desabafa Ezequiel.

“Mesmo com essa parte ruim, eu gosto de fazer apresentação na rua porque eu brinco com o pessoal. Quem está com algum problema, que está com a cabeça estourando e que saiu de casa enraivado, quando passa em frente ao nosso show para e esquece, aquilo lá que ele carregava de ruim passa tudo. É por isso que a pessoa vem uma vez, volta sempre, compra o material da gente e não reclama – porque é tudo bem gravadinho já para não dar problema”, conta José.

“E a gente não vende nada de ninguém não, é o nosso trabalho, a nossa cultura, não estamos vendendo nada de ninguém, os direitos são nossos. E o pessoal ainda fala que não pode vender. Claro que pode, é o trabalho nosso é a nossa cultura, por isso que a gente batalha e que estamos aí, batendo de frente, mas prosseguindo”, completa Ezequiel.

“Você sabia que meu pai foi um dos maiores cantadores do nordeste com o nome de Treme-Trela? Dos meus 15 irmãos só eu que aprendi a profissão e, graças a Deus, criei meus filhos, lutei e estou na luta até hoje e vamos continuar até quando Deus permitir”, diz José.

“Para mim o importante no meu trabalho é tudo, é pelo dinheiro, é pelo sorriso e pela ‘precisão’. A pessoa que vive depende do dinheiro, todo mundo depende né”, afirma Ezequiel.

“Tem uns espíritos malignos que vem perturbar a gente durante o show, são moradores de rua que embaçam, que encarnam mesmo, tem o cara bêbado, o sujeito que virou ‘nóia’, o que está no bico do urubu, aí eles vêm e tiram o sossego da gente, mas aí a gente dá um jeito e vai se livrando dessas coisas, a gente vai fazendo curva que nem cobra em areia quente sabe, sempre desviando das coisas ruins”, conta José.

“O bom de trabalhar na rua é não ser mandado por ninguém. Tem só aqueles contratemplos, como alguém querer tomar o material da gente, ameaçar, algum ‘nóia’, algumas pessoas que dormem na rua e que não sabem o que é que está fazendo

porque a droga comeu o juízo deles. A rua é pública, a gente não pode expulsar eles do trabalho, a gente tem que ficar calado ou caçar um meio de tirar eles, porque o repentista é inteligente, ele não pode brigar com ninguém, ele tem que brigar com a mente, porque que inteligente somos nós se a gente briga com morador de rua que está mais lascado que a gente? Ai o burro é a gente”, diz Ezequiel.

José tem o sonho de conseguir divulgar o trabalho da dupla e de chegar ao topo do sucesso, e Ezequiel pretende abrir um site para impulsionar a carreira dos dois.

“Você liga o computador procura embolador ai você me vê cantando dentro dos ônibus, cantando dentro do trem, cantando na rua, mas se procurar endereço, telefone, não vai achar porque nós não temos um site. É isso que está faltando para gente, um empresário para correr atrás de trabalho para gente. O Cajú & Castanha só deu certo porque eles tem três empresários, teve alguém que deu a mão para eles. Quando aparece um para dar uma mão para gente é para gravar CD. A gente tem disco nas lojas, mas só 10% é nosso, aquilo lá faz mil CDs, aí daqui um ano faz mais mil, ninguém vai viver disso aí não. O que bota o

artista para frente, tanto o de rua como o que está na mídia, é show. CD é cartão de visita, então é por aí, precisamos de divulgação, de mídia e empresário, senão a gente não sai dessa não”, explica Ezequiel.

Mesmo gostando muito do trabalho que realiza e de ainda almejar mais sucesso, Ezequiel declara que depois de tantos anos na rua o que gostaria mesmo de ter era férias. “Trinta e tantos anos trabalhando todos os dias no frio, na chuva, no sol tudo sem dar um tempo, cansa. Está certo que todo dia você ganha um dinheiro, ganha R\$50 reais hoje, R\$100 reais amanhã, mas todo dia chega uma conta de luz, por exemplo, aí você ganhou setenta aqui e vem uma conta de cento e pouco, aí você paga e ainda fica devendo. Aí amanhã já é outra coisa... São Paulo é assim mesmo, você mora para pagar o que você deve - os seus pecados. A pessoa que esteve muitos anos em São Paulo e que conseguiu alguma coisa com trabalho foi mão de vaca, porque o cara mão aberta que vive normalmente, não passa disso não, a não ser que ele seja jogador de futebol ele nunca vai ter nada na vida. Eu queria fazer uma coisa: ficar tomando banho de praia e esquecer o pandeiro um monte de tempo”. “E ganhar na loteria”, gritou José ao fundo. “Sim”, concordou

Ezequiel, que continuou dizendo: “porque olha, eu trabalhei na roça até os dez anos de idade, minha mãe morreu eu tinha somente 6 anos, fiquei 4 anos com meu pai na roça, aí fui para Recife com 10 anos e aos 13 eu comecei a trabalhar registrado em indústria, aí fui, fui, fui, trabalhei em umas 15 firmas registrado, e depois sai e vim para rua – da roça para as indústrias, da indústria para a rua, e da rua para a televisão e para o rádio porque faço minhas composições, alguém grava, então estou sempre por aí. Para sempre”.









PARTE 3 | Futuro e desafios da arte popular de rua no Brasil

3.1. Arte de rua enquanto trabalho: regularização, leis e projetos

Dezembro de 2009. A Prefeitura da cidade de São Paulo e a Secretaria de Segurança Pública firmam um convênio que permite aos policiais militares desempenharem suas funções nos dias de folga por no máximo 12 dias por mês e com uma carga horária que não pode ultrapassar 8 horas por dia. Trata-se da Operação Atividade Delegada, que tem como objetivo reduzir a criminalidade nas ruas de São Paulo além de colaborar para que o policial aumente sua remuneração. De acordo com a prefeitura, a atividade teve início na rua 25 de Março, quando os policiais militares passaram a fiscalizar o comércio irregular de ambulantes.

É neste contexto que se inicia na cidade uma série de episódios de repressão contra os artistas de rua. Confundidos com ambulantes por muitas vezes venderem CDs, DVDs e outros materiais nos finais das apresentações, os artistas se tornaram alvo da fiscalização chegando, até mesmo, a serem presos, como aconteceu com o músico Rafael Pio, algemado enquanto tocava

sua guitarra na avenida Paulista. O caso foi o estopim. Revoltados, os artistas se organizaram e fizeram uma passeata no dia 20 de dezembro de 2010. “A passeata partiu do vão do Museu de Arte de São Paulo (Masp) e percorreu uma calçada da avenida Paulista até a esquina com a rua Augusta, voltando para o ponto inicial em seguida. No vão do museu, foi lido um manifesto e houve música e dança. Os manifestantes tomaram a avenida no trecho logo em frente ao Masp, interrompendo o trânsito por alguns minutos”¹³.

O ator e articulador do movimento Artistas na Rua, Celso Reeks¹⁴, explica porque as repressões tiveram início. “A Operação Delegada teve início na região central da cidade e também na avenida Paulista e servia tanto para reforçar a

¹³ DOMINGO, Roney e PASINI, Mariana. “Artistas de rua fazem passeata contra supostas restrições da Prefeitura”. Disponível em <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2010/12/artistas-de-rua-fazem-passeata-contrasupostas-restricoes-da-prefeitura.html>

¹⁴ Entrevista concedida em 11-01-2013. Celso Reeks tem 36 anos, nasceu em São Francisco, na Califórnia, nos Estados Unidos. Filho de pais brasileiros exilados se mudou para o Brasil somente em 1983, quando da redemocratização. Reeks conta ter tido ligação com a arte desde criança, já que sua mãe cantava em corais. “Cresci cantando em corais também, tive uma banda, e por um bom tempo trabalhei com internet. Resolvi virar artista e por acaso, em 1999, conheci o pessoal do grupo de teatro Nau de Ícaros, onde comecei a aprender circo, teatro, dança, palhaço e várias outras técnicas”.

segurança quanto para evitar o comércio ambulante, só que quando deram as ordens enquadraram os artistas de rua também como comércio ilegal, o problema é que ninguém assumiu a culpa por isso, a Prefeitura falava que nunca tinha dado uma ordem específica para artistas, assim como a polícia. A desculpa que recebemos foi a de que qualquer coisa que os artistas fizessem nas ruas era considerado um evento e, por isso, precisava de autorização da Prefeitura. Imagina, a área do centro e a área da Paulista são exatamente os locais onde mais se concentram artistas de rua, então o povo começou a tomar sopapo da PM, a ir preso e a ter o material recolhido. Mesmo quem não vendia CDs também era enquadrado, porque a polícia entendia que passar o chapéu era comércio ilegal, mas passar o chapéu não é comércio, ninguém está vendendo nada ali, o que ocorre é uma doação espontânea - a pessoa passa, olha, gosta do que vê e deixa um trocado. A relação de comércio existe apenas quando ocorre a venda de um produto, aí sim se configura em comércio ilegal, mas isto é algo que ainda vamos tentar modificar”.

Após a manifestação, a prefeitura convocou os articuladores do movimento para uma conversa e muitas mudanças ocorreram

desde então. Reeks detalha como as repressões acabaram, ironicamente, contribuindo com a arte de rua em São Paulo. “Os episódios ocorridos em 2010 demandaram uma organização por parte dos artistas, a gente se organizou, fez a manifestação, gritou, mostrando que os artistas de rua conheciam seus direitos constitucionais. Foi por causa dessa manifestação que houve um diálogo com a Prefeitura e foi neste momento que percebemos que realmente precisávamos nos organizar formalmente para conseguirmos as coisas com mais facilidade. Tudo bem que como movimento a gente já estava representado ali e a Prefeitura estava escutando, estava atendendo a gente, mas notamos que a organização formal contribuiria para que o movimento ganhasse ainda mais força”, conta.

O resultado das conversas pôde ser visto sete meses depois. O então prefeito Gilberto Kassab publicou, no Diário Oficial, o decreto número 52.504 de 19 de julho de 2011¹⁵, que “disciplina a utilização de vias e logradouros públicos da cidade de São Paulo para a apresentação de artistas de rua, considerando a necessidade de definição de regras e critérios objetivos pelo

¹⁵ Decreto disponível em www.imprensaoficial.sp.gov.br

Poder Público Municipal e visando preservar a livre expressão das atividades e manifestações artísticas e culturais, bem como assegurar o bem estar da população”.

Dentre as principais medidas, o decreto define que quem pode se apresentar nas vias públicas são músicos, dançarinos, malabaristas, atores e poetas, sendo permitido a eles “passar o chapéu”, aceitar contribuições espontâneas, distribuir brindes e exhibir-se em calçadas, praças e parques municipais. O decreto define também que os artistas não podem exigir contribuição, comercializar qualquer tipo de produto (mesmo os CDs e DVDs de autoria própria), reservar espaço exclusivo ou exceder os limites da lei do silêncio da prefeitura (Psiu). Sobre os palanques e palcos, o decreto institui que os aparatos devem ter até 50cm de altura e área máxima de 6m², não podem ter nenhuma estrutura vertical além do piso e, em caso de outros tipos de estruturas, os artistas devem solicitar autorização da subprefeitura da região. Quem não cumprir o decreto terá a apresentação encerrada e os equipamentos confiscados.

Em se tratado dos direitos e das responsabilidades dos artistas de rua, Reeks ressalta, em primeiro lugar, o direito que está no

artigo quinto, inciso nono, da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, que garante a liberdade de expressão artística independente de censura ou licença¹⁶.

“Isso quer dizer que qualquer artista pode ir para a rua, para o espaço público e fazer seu trabalho sem ser incomodado, está garantido a ele essa liberdade de expressão artística sem ter que pedir autorização para ninguém, sem ter que avisar ninguém, é simplesmente chegar e fazer, contanto que respeite algumas coisas importantes e é aí que entra a responsabilidade dos artistas de rua dentro da cidade. As pessoas têm que lembrar que seu direito termina onde começa o do próximo, então se você tem o direito de estar ali naquele espaço, todo mundo também tem, por isso esse direito do coletivo deve ser respeitado. O direito de ir e vir da população também tem que ser mantido, então o artista de rua não pode bloquear uma rua, uma calçada, ele tem sempre que permitir que os pedestres circulem para que a fluência e o fluxo da cidade funcionem. O artista de rua tem

¹⁶ "Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: IX - é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença". Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm

também responsabilidade sobre a segurança da população, ele não pode colocar a população em risco em momento nenhum e tem também responsabilidade sobre o patrimônio público. Em resumo, ele pode fazer tudo o que quiser contanto que não deprede e que respeite também algumas regras, como por exemplo, as de ruído, principalmente em áreas mais residenciais ou de escritórios. Isso é um problema, tem muito artista que se apresenta utilizando caixas de som gigantes, muito maiores do que o necessário e tem gente que passa o dia inteiro se apresentando - das 9h da manhã as 18h da tarde -, em um mesmo lugar, tocando a mesma música muito alto, isso não é necessário, a pessoa não está fazendo um mega show para mil pessoas, ele precisa atingir apenas quem está próximo a ele, a arte de rua não é para atingir a rua inteira, muito menos dois quarteirões. Imagina o estresse que isso não gera para quem mora ou trabalha na região. E muito artista de rua não tem essa consciência”, explica.

É também por este motivo que Reeks, juntamente a outros ativistas e artistas, está fundando a Associação Artistas na Rua dois anos após a manifestação de 2010. Em 20 de dezembro de 2012 houve a assembleia de criação do órgão, que tem como

objetivo promover a difusão e valorização da arte realizada em ruas, praças, parques e outros tipos de espaços públicos e também dar a classe representatividade jurídica, possibilitando que os artistas possam sugerir políticas públicas para municípios, estados e até mesmo governo federal, além de organizar mostras, festivais, exposições e outros tipos de atividades de promoção da arte de rua, desenvolver atividades de formação e qualificação de artistas e atividades com foco em cidadania.

“A Associação vai atuar em dois campos. No político, vai trabalhar por políticas públicas, vai ser responsável por criar um relacionamento com a esfera pública, municipal, estadual e federal para lutar tanto por aprovação de leis, criação de editais e qualquer coisa que a gente considere que seja política pública que vá beneficiar a arte de rua. A Associação vai ser a ferramenta jurídica para a gente chegar nisso, quando você tem uma organização formal você ganha uma força política nesse sentido, então é por isso que a gente criou a Associação. E o segundo ponto que vamos atuar é no sentido de que a Associação também vai servir para a promoção de ações na rua. Através do órgão vamos criar projetos e difundir a arte de rua”.

Reeks conta que a primeira medida da Associação será a publicação e distribuição gratuita de um Guia do Artista de Rua. “Neste guia que estamos elaborando, vamos apresentar os direitos e as responsabilidades do artista de maneira bem clara. O guia vai ser impresso e distribuído para todos os artistas de rua para que ele sirva como um instrumento de conscientização tanto do artista quanto do cidadão e, através disso, contribuir para que a população tenha consciência da arte de rua e veja que não é uma coisa toda bagunçada”.

A segunda medida planejada pela Associação é a “Maratona das Artes”, ocorrida no dia 26 de janeiro de 2013. Para arcar com as despesas referentes aos registros necessários para que a Associação inicie suas atividades definitivamente, cerca de 50 artistas tomaram as esquinas da avenida Paulista apresentando sua arte – teatro, circo, dança, mágica, contação de histórias, hip hop, estátua viva, artes plásticas e literatura – tudo oferecido gratuitamente aos moradores e turistas da cidade de São Paulo.

Mas enquanto a Associação não sai do papel, Reeks conta que outro importante passo para a arte de rua foi tomado ainda em 2012, no dia 4 de setembro, quando o site artistasnarua.com.br

foi lançado. Com a colaboração da São Paulo Turismo (SPTuris, empresa de turismo e eventos da cidade de São Paulo), que realizou uma pesquisa em três áreas da cidade - centro (velho e novo), Paulista (incluindo a Rua Augusta) e Benedito Calixto (abrangendo parte da Rua Teodoro Sampaio) - foi efetuado um primeiro levantamento da arte de rua. Com o material resultante da pesquisa de campo, foi criado um banco de dados inicial que mostra, por meio de um grande mapa, o local onde os artistas de rua se apresentam. O mapa é atualizado em tempo real, já que os artistas podem e devem se cadastrar voluntariamente, o que ajuda o visitante a encontrar, através de filtros de busca, cada local onde os artistas se encontram.

“O site artistas na rua não tem uma sede, agora que nós estamos formado a Associação vamos correr atrás de um local e ver com a prefeitura se eles não tem algum espaço para ceder, porque pagar um aluguel é bem difícil e o site é mantido apenas por mim e por um casal de jornalistas. O casal mantém o site atualizado, a página no Facebook e quase todo o conteúdo, o restante do site é alimentado pelos próprios artistas que entram, cadastram-se e disponibilizam as informações deles no canal. A ideia é essa, que seja um site todo colaborativo, que se

transforme realmente em uma central de informação sobre a arte de rua na cidade sendo referência no Brasil, porque não temos nada parecido. Como o site é algo voluntário, depende da boa vontade das pessoas, e tem gente que tem preguiça, que tem medo... alguns artistas de rua eram contra o site, eles achavam que ia virar uma ferramenta para a Prefeitura controlá-los. Acho meio paranóico, mas tudo bem. A gente torce para que o maior número possível de artistas contribuam”.

Questionado sobre o interesse da SPTuris no tema, Reeks explica que o órgão tem consciência de que o turismo cultural da cidade de São Paulo é forte e tem um potencial enorme. “Eles já trabalhavam com essa noção de São Paulo como sendo um dos grandes pólos de turismo cultural no mundo e eles enxergaram na arte de rua, ao contrário do resto da gestão Kassab naquela época, mais um fator importante para a capital. Eles sabem que uma das atrações turísticas de toda grande cidade é o artista de rua. Quem vai para Londres adora ver o pessoal no Covent Garden¹⁷, quem vai para Nova York adora ir

¹⁷ Covent Garden é um distrito de Londres, Inglaterra, localizado nas partes situadas mais a leste da cidade de Westminster. O local é conhecido pelas tradicionais performances de rua. Fonte <http://www.coventgardenlondonuk.com>

a alguns dos parques e ver as rodas que são abertas com quinhentas, mil ou duas mil pessoas. Buenos Aires também, Paris, Barcelona, todas as grandes cidades do mundo tem a arte de rua muito forte e aí perceberam que aqui não podia ser diferente”.

Para Reeks, a arte de rua é mais organizada nos locais onde a repressão foi mais rígida. “Pelo que tenho visto sobre a forma que os artistas de rua se organizam no exterior, quase todas essas organizações aconteceram por conta de repressão também. Foi isso em Londres e em algumas partes dos Estados Unidos e está sendo assim em Portugal. Os artistas encontraram meios de se organizar e de regulamentar a arte de rua em cada lugar, então cada lugar tem uma particularidade. Em São Paulo acho que a arte de rua passou por várias fases – na década de 1950 a 1960 a prática era muito forte, tinha gente no centro, no Anhangabaú, na Praça do Patriarca, no Largo do Paissandu, no Parque Dom Pedro que abria rodas enormes, era algo muito mais valorizado do que é hoje em dia. Depois, imagino que durante a ditadura militar devam ter ocorrido mais episódios de repressão. Adiante, lembro que nos anos 1980 eu andava pela cidade e via muitos artistas de rua, mas não sei qual era a

situação legal deles. O que sei é que as coisas foram variando, parece que a Luiza Erundina¹⁸ quando foi prefeita tinha alguns programas que incentivavam a arte de rua, como desconto de imposto para bancas de jornal que fornecessem energia elétrica para artistas, parece que essa foi a gestão mais amiga dos artistas de rua. Mas sempre teve vai e vem de repressão, fases em que os artistas estavam tranquilos e fases em que eles morriam de medo de sair na rua e apanhar”.

Reeks acredita que a mudança na Prefeitura a partir de 2013, somada às conquistas da classe adquiridas a partir de 2010, vai melhorar a situação da arte de rua na cidade. “O PT vai ajudar porque todo o discurso do Fernando Haddad foi feito em cima da humanização da cidade e muitos discursos durante a campanha falavam sobre a ocupação de São Paulo, ele chegou a utilizar a arte de rua como um dos temas para ilustrar essa parte da humanização, então temos certeza que vamos ter uma boa parceria com a prefeitura. Antes não tínhamos diálogo com a Secretaria de Cultura, agora temos alguns vereadores parceiros e

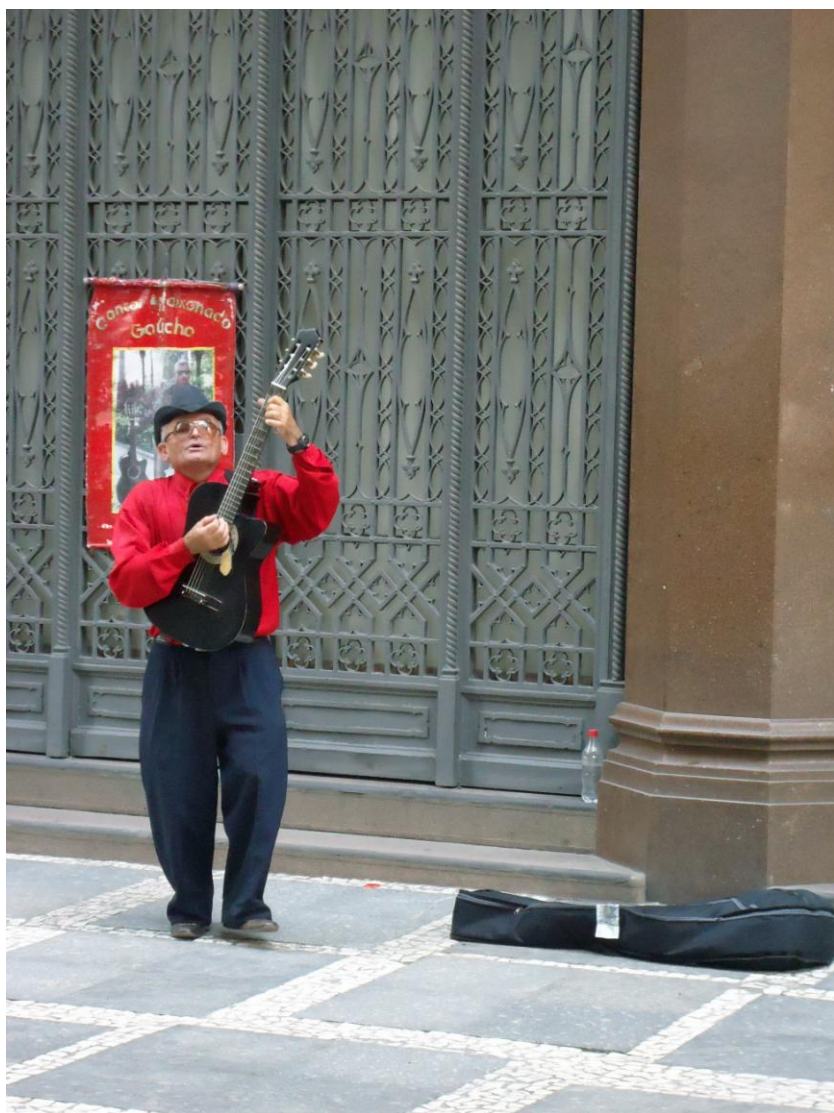
¹⁸ Luiza Erundina foi prefeita de São Paulo de 1989 a 1993.

também ampliamos a base aliada de vereadores na Câmara Municipal”.

Sobre o futuro da arte de rua, Reeks considera que no máximo em cinco anos a prática será mais valorizada, reconhecida e respeitada. “Acho que o futuro é a arte de rua passar a ser muito mais valorizada do que era, eu acho que agora, com os trabalhos que a gente tem feito, a arte de rua vai ser cada vez mais reconhecida pela população como algo de valor para a cidade. Hoje em dia já vemos um pouco disso, antigamente se você perguntasse para alguém a opinião sobre o artista de rua, muita gente respondia que o artista de rua era vagabundo, eu já estou sentindo uma mudança na visão das pessoas quando converso com elas. Acho que toda essa mobilização, e também o fato de o tema estar cada vez mais em pauta na mídia, ajuda muito. Tudo o que aconteceu depois de 2010 é um marco para a arte de rua e com isso cada vez mais artistas estão ficando interessados em ir para a rua, porque tinha muito preconceito entre artista também, muitos achavam que a galera só ia para a rua quando não conseguia outro lugar para fazer show e foi como última opção. Agora, eles estão descobrindo que a rua é um outro espaço de apresentação e é um espaço muito mais legal, muito mais

democrático. Quando você faz arte de rua você está democratizando a cultura, você está levando cultura de graça para a população e se você tem cada vez mais artistas de qualidade interessados nisso, o nível da arte de rua vai crescendo e a cidade só vai ganhar. Além de tudo, a arte de rua é também um instrumento de pacificação e um instrumento de ocupação da cidade - a cidade, para ser menos violenta, tem que ser ocupada, se você abandona o espaço público você gera violência, então a arte de rua é uma das formas de levar a população de volta ao espaço público e assim diminuir a violência, deixar a cidade mais bonita, deixar a cidade mais agradável de morar, é por isso que a arte de rua e os artistas de rua têm muita importância social”.

PARTE 4 | Arte de rua em foco: ensaio fotográfico em São Paulo





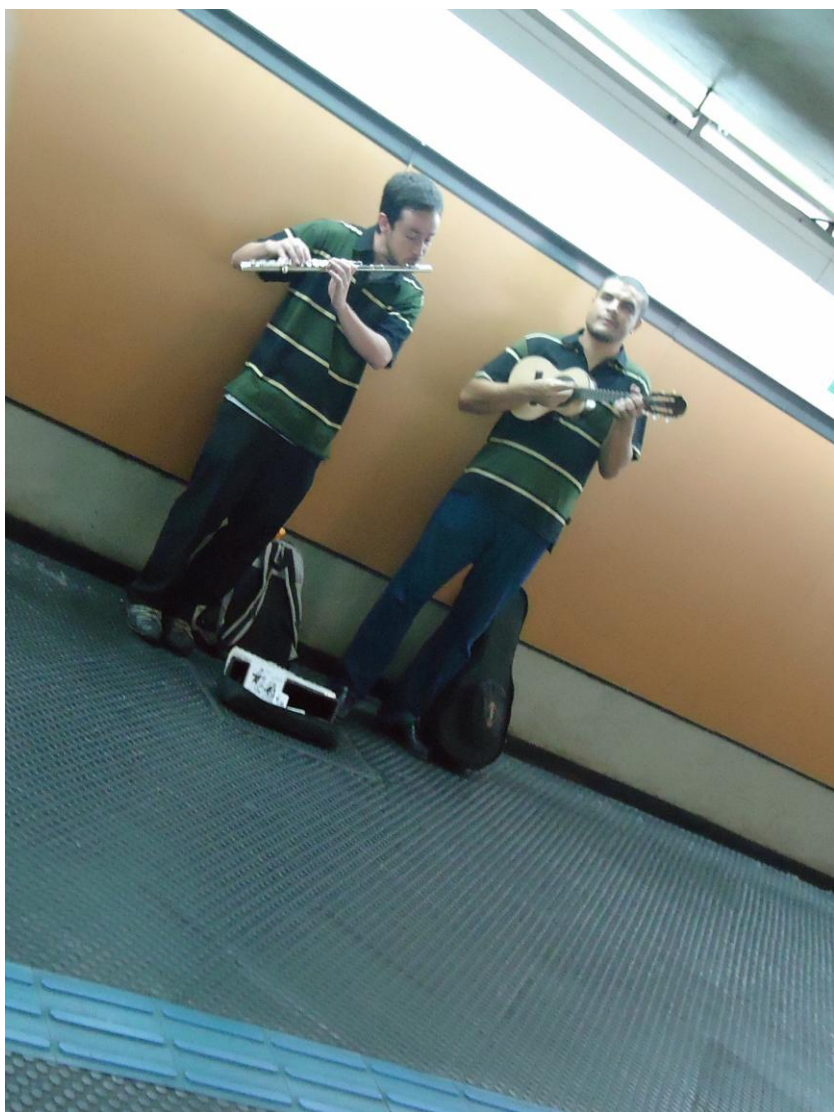
























POSFÁCIO | Sorriso, experiência, sonho, fé e sobrevivência

Cor sobre o cinza, melodia sobre buzinas. Pelo sorriso, pela experiência, pelo sonho, pela fé ou ainda pela sobrevivência.

A estátua viva da rua São Bento sonha com o dia que irá colocar uma mochila nas costas e viajar, ao lado de uma companheira, por todo o mundo, carregando em seu coração o bem mais precioso que possui - sua arte. E o que ele quer? Sorriso. O malabarista chileno da avenida 9 de julho, vive hoje o sonho da estátua viva. Viaja com a namorada e trabalha nos faróis até sentir que aprendeu a cidade, viveu a realidade e inspirou a sociedade, escondida e amedrontada por detrás dos vidros dos carros. Depois, ele parte, há outros lugares que precisam dele por aí. Experiência. O poeta da avenida Paulista, quer ajudar as pessoas a descobrirem as verdadeiras razões para a existência – ‘todo mundo tem que se acreditar’ –, é disso que se trata. Sonho. Enquanto que o cantor gospel do viaduto Santa Ifigênia encontrou na rua a maneira de conquistar sua independência por

meio do princípio que utiliza para levar a sua vida. Fé. Quase como os repentistas da praça da Sé, que saíram de Pernambuco e fizeram suas vidas na capital de São Paulo apenas com um pandeiro e lá se vão mais de trinta anos. Sobrevivência.

São sim histórias que se cruzam e que se repetem. Em cada esquina, em cada cantinho da cidade de São Paulo, algumas pessoas têm coragem de fazer algo diferente todos os dias. Os motivos são os mais diversos, mas há um ponto em comum a todos – o entendimento claro de que aquilo vai ajudar alguém e, quem sabe, até eles mesmos. São diferentes, iluminados, inocentes. Eles acreditam. Parece que enxergam um brilho que ninguém mais vê e aí surgem para tentar resgatar a população da sombra, mesmo sabendo que o retorno, na maioria das vezes, será o desprezo e a fama de vagabundo. São generosos. E persistentes.

Conhecer um pouco de suas histórias, saber quem são, como vivem e o que pensam os artistas de rua que se apresentam na cidade de São Paulo é uma tentativa de descobrir que cor é essa que eles enxergam. É por este motivo, que o livro-reportagem “Artista de rua: a arte de ser”, fornece amplo espaço a eles, para

que a voz destes artistas seja ouvida em um momento em que a arte de rua passa por uma intensa transformação na capital paulista e em diversos locais do Brasil.

Os fatos ocorridos em São Paulo em 2010 contribuíram para que os artistas se organizassem e lutassem. Hoje, eles possuem um decreto que orienta suas atividades, uma Associação que luta por seus direitos, e a valorização por parte da Prefeitura de São Paulo no que se refere ao potencial turístico que os artistas representam para a cidade. O próximo passo é sancionar, ainda em 2013, o Projeto de Lei 489/2011 – aprovado em primeira instância na Câmara dos Vereadores em dezembro de 2012 – que irá regulamentar de vez a atuação dos artistas.

O movimento de organização da classe refletiu em outras cidades. Em Belo Horizonte, a Prefeitura regulamentou a Lei 10.277/11 através do decreto 14.589 de 27 de setembro de 2011. No Rio de Janeiro, a Lei 5.429/12 de 05 de junho de 2012 também foi sancionada para regulamentar a atividade dos artistas de rua. As legislações, além de certificarem legalmente a arte de rua, contribuem para a difusão da prática e para a instauração de políticas públicas para o setor. Isso é apenas o

começo. Quem sabe, no futuro próximo, os artistas não sejam mais valorizados, as cidades mais coloridas e a sociedade mais pacífica?

O livro-reportagem “Artista de rua: a arte de ser” procurou compreender a arte sob um ponto de vista multicultural, que respeita e abraça a existência de muitas culturas numa localidade sem que uma delas predomine, e que considera toda manifestação cultural como uma das inúmeras formas do fazer artístico. Sem preconceitos, os cinco artistas entrevistados foram escolhidos aleatoriamente em regiões diferentes da cidade. Toda vida é importante, todo mundo tem uma história, e o método de investigação *história de vidas*, tal como definido por Jorge Pedro Sousa (2006, p.734), auxiliou na coleta de posicionamentos, atitudes, pontos de vista, valores, comportamentos e papéis sociais das pessoas em função daquilo que foi/é a sua vida. O personagem, aliado ao ambiente e à observação atenta configurou como as principais fontes de informação para o texto.

A curiosidade em saber qual o motivação dos artistas de rua para serem artistas de rua surge como fio condutor das

entrevistas – afinal, eles estão nas ruas pela arte e pela ideia de democratização da cultura, pelo retorno financeiro, pelas duas razões ou por algum outro motivo? É, não é, mas pode ser que seja. Depende. O brilho no olho ao falar da sua arte também foi comum aos entrevistados. Todos declararam que o dinheiro é importante, mas que não é o principal em suas vidas. Eles vivem com o mínimo possível e são felizes lutando por seus espaços na sociedade para que sejam apenas compreendidos, respeitados e apreciados.

“Acho que a grande maioria está lá com consciência de que sua arte tem uma importância na rua, mas eu não digo que esse é o único motivo. Muitos deles estão na rua porque este é o jeito que acharam para ganhar dinheiro. Tem gente que está porque realmente não tem outro lugar para se apresentar, tem gente que usa a rua como plataforma de divulgação do trabalho para se apresentar em outro lugar e tem também os locões que estão lá porque simplesmente acreditam na arte. E você vê que não é demagogia, a grande maioria acredita mesmo nisso, eles acreditam que têm relevância na cidade, que são importantes e que ajudam a transformar o cotidiano da população”. Celso Reeks

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

BARROS, José D'Assunção. *A gaia ciência dos trovadores medievais*. www.journal.ufsc.br/index.php/revistacf/article/view/15623/14155

BENJAMIN, Walter. *Sobre arte, técnica, linguagem e política*. Lisboa: Relógio d'Água, 1992.

BURKE, Peter. *Cultura popular na idade moderna - Europa, 1500-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FENELON, Déa Ribeiro. *O historiador e a cultura popular: história de classe ou história do povo?* Disponível em: www.historiaperspectivas.inhis.ufu.br

FERREIRA, Carlos Rogé. *Literatura e Jornalismo, práticas políticas*. São Paulo: Edusp, 2004.

GOMES, Celson Henrique Sousa. *Formação e atuação de músicos das ruas de Porto Alegre: um estudo a partir dos relatos de vida*. <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/12893>

LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas Ampliadas O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. São Paulo: Manole, 2004.

MORAES, José Geraldo Vinci. *História e música: canção popular e conhecimento histórico*. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v20n39/2987.pdf>

RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. Disponível em http://www.dominionpublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action&co_obra=2051

ROCHA, Roosevelt. *Poesia Grega Arcaica: Oralidade e Performance*. <http://www.uel.br/revistas/boitata/Anais/Anais%20parte%202.pdf#page=311>

SOUSA, Jorge Pedro. *Elementos da teoria e pesquisa da comunicação e dos media*. Disponível em www.bocc.ubi.pt

THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 1998.

TINHORÃO, José Ramos. *Os sons que vêm da rua*. São Paulo: Editora 34, 2005.

WOLFE, Tom. *Radical Chique E O Novo Jornalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Sites consultados

<http://www.mundodosfilosofos.com.br>

<http://imprensa.spturis.com.br/releases/spturis-faz-mapeamento-da-arte-de-rua-em-sao-paulo>

http://www.observatoriodoturismo.com.br/pdf/artistas_rua.pdf

<http://www.artistasnarua.com.br>

Este livro foi composto na tipologia Times New Roman
em corpo 12 e impresso em papel offset 90g/m²
em São Paulo